

CEDI - P. I. B.
 DATA 23, 06, 86
 COD. JN D 04

Os Juruna no Alto-Xingu

Introdução

O presente trabalho, intitulado OS JURUNA NO ALTO-XINGU, compreende duas partes. Na primeira, que é a mais extensa, transcrevemos o relato dos índios nos dizeres sobre os principais acontecimentos que tiveram lugar em sua vida, durante um período de cinquenta ou sessenta anos, isto é, do fim do século passado até a época que estabelecemos com eles o nosso primeiro contato (1949). — Por se tratar de uma narrativa que de há muitos anos vimos ouvindo e registrando através de espontâneas comunicações feitas por vários índios, de diferentes tribos, os quais, na maioria das vezes, exprimiam na sua própria língua, tivemos a preocupação de submetê-la a uma cuidadosa revisão. Ao fim do mesmo, verificando que havíamos obtido uma história homogênea e isenta de contradições, decidimos publicá-la na certeza de que representa um documento válido sobre a movimentação dos Juruna no decorrer do período acima referido.

Na segunda parte, elaborada de forma sintética, procuramos fornecer dados relativos a certos aspectos da vida desses índios, incluindo, no final, uma relação de termos de parentesco, seguida de um pequeno vocabulário.

Há cem anos, aproximadamente, constituíam ainda os índios Juruna uma po-

No conjunto, o que tivemos em mira, como preocupação primordial, foi revelar fatos e eventos reais, susceptíveis de ocorrer num processo de acomodação inter-tribal.

No presente caso, embora não se tenha dado uma acomodação no verdadeiro sentido da palavra, entre os Juruna, invasores, e a área cultural do alto-Xingu, não deixou esta última de assimilar traços e recursos trazidos pelos primeiros. Não pretendendo explicar, sob todos os aspectos, a natureza e os resultados das mútuas influências havidas, desejamos, pelo menos, frisar que se deve aos Juruna a introdução na área alto-xinguana da importante cultura da banana, batata-doce, cana, abóbora, melancia, mamão e ainda a transmissão do arco quadrangular e da canoa de madeira, juntamente com as respectivas técnicas de fabricação.

Finalmente, queremos lembrar que ao compor este trabalho de caráter prévio, destinado às pessoas informadas sobre o alto-Xingu como área indígena, sentimos-nos desobrigados de acrescentar-lhe notas explicativas relacionadas com a localização atual e passada das tribos, a situação geográfica dos rios, bem como outros esclarecimentos que seriam indispensáveis ao leitor comum.

derosa "nação" que dominava o baixo curso do rio Xingu, embora já houvessem, nessa

altura, sofrido a ação desajustadora das expedições coloniais que, no século XVII, viviam a exploração e a ocupação do vale amazônico.

Desalojados das suas antigas moradas, localizadas na foz do rio, onde eram numerosos, tiveram os Juruna, deslocando-se para o Sul, de entrar em frequentes e devastadoras lutas com outros índios, igualmente fortes, que passaram a ser seus vizinhos.

Mas foi só depois da ocupação do baixo e médio Xingu pelos exploradores da indústria extrativa (seringueiros e castanheiros), que a depopulação em que entraram, com aqueles primeiros reveses, veio a se agravar e a acelerar-se, ameaçando-os seriamente de extinção, o que não se deu, graças, unicamente, às soluções heróicas que um verdadeiro instinto de sobrevivência lhes apontou.

É oportuno lembrar que, nas regiões distantes, o contato desordenado com as populações do nosso interior, constituiu ameaça mais séria à sobrevivência dos índios do que o seu isolamento, apesar de todas as vicissitudes que possam atingi-los nesse estado.

Hoje, não passam os Juruna de algumas dezenas de indivíduos. São poucos, mas se sobressaem muito pelas qualidades pessoais que possuem. A honestidade, a dignidade e, acima de tudo, a coragem, são

Orlando Villas Bôas e Cláudio Villas Bôas

Instituto de Ciências Humanas e Letras da UFPA 1 1970

traços marcantes do seu caráter.

Até há bem pouco tempo eram considerados índios Tupi, isto é, filiados à grande família linguística desse nome. Atualmente, embora continuem não devidamente estudados, a tendência é considerá-los isolados linguisticamente, admitindo-se, entretanto, por ser evidente, a influência e a intrusão de elementos Tupi no contexto geral da sua cultura.

No fim do século passado, viviam os Juruna, segundo afirmam, cêrca de quinhentos quilômetros ao norte das suas atuais aldeias, na altura de um grande pedral do rio, denominado "Pedra Sêca". Aí vieram ter fugindo ao contato com seringueiros e castanheiros e, simultaneamente, procurando se distanciar cada vez mais das agressivas hordas Caiapó que, na ocasião, afluíam e dominavam o médio curso do Xingu.

Logo ao se instalarem em "Pedra Sêca", começaram os Juruna, nas caçadas e pescarias que realizavam a montante de suas aldeias, a encontrar vestígios de outros índios que procediam do sul.

Duma feita, as "batiças" encontradas eram tão frescas que resolveram conhecer os seus autores.

Formaram para isso um grupo de seis homens e em canoas subiram o rio pela primeira vez. Como bons remadores, não tiveram dificuldade em vencer a correnteza e os encaichoeirados para atingir, depois de um tempo relativamente curto, o salto de Von Martius, extenso e belo pedral que se encontra a 8 graus de latitude sul, descoberto e batizado por Karl von den Steinen em 1884, por ocasião da sua descida do Xingu.

Era tal a quantidade de vestígios encontrados que os índios Juruna, em número reduzido como estavam, não se atreveram a prosseguir, pois tudo indicava ser aquêle lugar frequentado por tribo numerosa. Diante disso, apressaram-se em regressar à "Pedra Sêca" com a intenção de fazer nova subida com mais gente.

E como planejaram, assim fizeram. No ano seguinte, empreenderam novamente a subida do rio. Até mulheres e crianças tomaram parte nessa segunda expedição, chefiada pelo cacique Tchupimitá. Dessa vez, a subida do rio foi mais lenta do que a anterior. Quase um mês gastaram para alcançar as corredeiras de von Martius, onde fizeram uma parada de vários dias para explorar as imediações. Pensando que já estavam próximos da aldeia que buscavam, resolveram os Juruna, como medida de segurança, que somente os homens continuariam a viagem. Escolheram então uma ilha situada bem no meio do rio e nela deixaram acampadas, em companhia de alguns homens mais idosos, as mulheres e as crianças que participavam da expedição. E para ganhar tempo, dessa altura em diante, passaram a viajar também à noite. Cinco dias acima do acampamento da ilha, atingiram a foz do rio Maritsauá Missú de onde avistaram, na direção sul, uma coluna de fumaça que brotava da margem direita do rio. Daí em diante, por precaução, passaram a navegar colados à margem oposta ao fogo. Finalmente, quando o defrontaram, viram duas canoas que desciam a correnteza, desaparecendo logo depois numa baía próxima. Ansiosos por conhecer os índios que há tempos procuravam, os Juru-

na embicaram suas canoas para a entrada da baía, ocultando-se numa pequena ilha, onde ficaram à espera dos acontecimentos. Pouco depois, surge outra canoa, tripulada por dois índios que faziam o mesmo caminho dos anteriormente avistados. Ao passar entre a ilha e a margem do rio, os Juruna, já embarcados e ocultos na ramagem, saem para o largo e se aproximam da canoa. Adiantando-se aos outros Tchupimitá, o cacique Juruna, chega a pequena distância dos índios surpreendidos e apressa-se em mostrar-lhes os facões que trazia, ao mesmo tempo em que, por meio de gestos, procura revelar a sua intenção pacífica. Os dois índios, assustados, tentam ainda afastar-se, mas são impedidos por Tchupimitá que lhes segura enérgicamente a canoa, enquanto estende um facão ao que estava mais próximo. O brinde é aceite e uma "conversaço", baseada exclusivamente na mímica, logo se estabelece. Os Juruna, pela primeira vez, ouvem o nome Suiá. Assim se chamavam os índios com os quais entravam em contato. Um dos tripulantes da canoa, Matsindú, era o cacique dos Suiá. Compreendendo que os Juruna desejavam conhecer e presentear mais gente, envereda ligeiro baía a dentro e logo depois reaparece comboiando três canoas lotadas de homens. Os Juruna, como ainda ignoravam a verdadeira disposição dos Suiá, aguardavam-nos na pequena ilha, uma centena de braças distante da margem. Não haviam ainda distribuído os poucos facões trazidos para esse fim, quando avistam, surgindo da baía, várias canoas tão apinhadas de homens, quanto as três primeiras. Como eram poucos e nada mais tinham para oferecer, embar-

cam e
tam
flutu
ponde
dos S
o rem
estava
c
A
pressi
aos
mesm
car su
situad
se col
Suiá.
dra S
cessár
noas
para
o gru
nova
ilha,
rio da
me de
signifi
Seu p
gar fo
planti
ram r
rio. N
nas as
dos Ju
diam
dos Ca
gos.
No
desloca
preenc
rio cor
conhec
em qu
gastar
para a
V a M
gem a
ram un
mas n
lecer c
e char
pondic
dos co
Juruna
rio aci
pidame
nuaran
quando
ões m

em em suas canoas e se afastaram para o largo. Depois de lutar um pouco para responder aos gritos e acenos dos Suiá, descem o rio a todo remo. Dez dias mais tarde, estavam de volta à "Pedra Sêca".

A aventura deve ter impressionado favoravelmente os Juruna, pois, naquele mesmo ano, resolveram deslocar sua aldeia para um ponto situado bem acima, a fim de colocarem mais perto dos Suiá. Permaneceram na "Pedra Sêca" apenas o tempo necessário à fabricação de canoas em número suficiente para o deslocamento de todo o grupo, de uma só vez. A nova aldeia levantada numa ilha, pouco abaixo da foz do rio da Liberdade, deram o nome de Cuarraludjádjá, que significa "Pedra Rachada". Seu primeiro trabalho no lugar foi a desmatção para o plantio de roças, o que fizeram numa das margens do rio. Na ilha levantaram apenas as casas, costume antigo dos Juruna que assim procediam para se porem à salvo dos Caiapó, seus velhos inimigos.

No ano seguinte ao desse deslocamento, os Juruna empreenderam nova subida do rio com o intuito de melhor conhecer os Suiá. Do ponto em que estavam aldeados, não passaram mais que cinco dias para alcançar a cachoeira de São Martius. Um dia de viagem acima dela, surpreenderam um grupo de índios Suiá, mas não conseguiram estabelecer contato. Os seus acenos chamados não foram correspondidos. Os Suiá, assustados com a aparição brusca dos Juruna, viraram suas canoas rio acima e afastaram-se rapidamente. Os Juruna continuaram subindo e vendo, de quando em quando, nos estíbios maiores, as canoas cada

vez se distanciando mais. Dias depois, ao atingirem a baía do primeiro encontro enveredaram por ela, julgando ser ali a aldeia dos Suiá. Nada encontrando além de roças velhas, prosseguiram rio acima, beirando sempre a margem esquerda. Afinal, ao cabo de muitas horas de navegação, avistaram as moradas Suiá na margem oposta. Como o sol já estivesse prestes a se esconder, deixaram o contato para o dia seguinte. Ocultos sob as ramagens da beira do rio, esperaram a noite, e então, vagorosamente, encostaram suas canoas numa ilha — hoje desaparecida — que havia defronte da aldeia.

Mal o sol despontou, foram pressentidos. A aldeia toda se agitou nos primeiros instantes, com gritos e correrias de um lado para outro. Passado o primeiro susto, alguns dos mais decididos entre os Suiá embarcaram em suas canoas e se dirigiram lenta mas decididamente para a ilha, onde os Juruna davam com os braços, convidando-os a encostar. Aos Juruna, armados de rifles "44" e estrategicamente colocados, não custava manter a calma frente às canoas que se aproximavam.

As canoas Suiá encostam na ilha e, depois de um agitado falatório, inicia-se um comércio de trocas — penachos, arcos e flechas do lado Suiá; facas e facões do lado Juruna. E os Suiá passam a se rezezar na ilha. Saía um grupo, aportava outro. Por vários dias os Juruna permaneceram ali, estreitando cada vez mais as suas relações com os Suiá. Nenhum incidente ou mal entendido quebrou, por um instante que fôsse, a disposição amistosa que reinou durante todo o tempo da visita. Tornaram-se amigos.

Visando, com certeza, consolidar a amizade firmada, os Juruna ao regressar deixam com os Suiá um dos seus, um jovem chamado Enoacá. Com eles, Juruna, descem dois homens maritsauá que viviam com os Suiá, e três mulheres: —Cainriri, Soaqui e Caimbã, sendo que esta última já casada com Xibutê, filho do cacique Tchupimitá.

De regresso à aldeia, resolveram os Juruna visitar um seringal que havia abaixo da Pedra Sêca. Desceram quase todos, inclusive os dois maritsauá trazidos de cima. Chegando ao seringal, foram acometidos de forte gripe que lá grassava na ocasião. Os Juruna resistiram à moléstia, mas os dois acompanhantes maritsauá sucumbiram a ela. Não tinham, naturalmente, nenhuma defesa orgânica contra o mal.

Algum tempo depois dessa ocorrência, os Juruna realizaram uma nova visita aos Suiá. Notando que estes ficaram muito contrariados com a morte dos maritsauá, trataram de regressar o quanto antes à sua aldeia, levando consigo Enoacá, o jovem que havia ficado com os Suiá na viagem anterior. Enoacá que se tornara amigo dos Suiá, relutou em voltar aos seus.

No ano seguinte, os Juruna fizeram outra visita aos Suiá e, como das vezes anteriores, foram bem recebidos. Encontraram os Suiá nessa ocasião muito preocupados com a presença entre eles de um índio kamaiurá, há pouco chegado de cima. Dizendo tratar-se de um feiticeiro deles conhecido, pediram aos visitantes que o eliminassem com suas armas de fogo, no que foram prontamente atendidos. Empolgados com a eficiência dos rifles "44", passaram a insistir com os Juruna para que os acompanhassem num ataque aos

índios Kamaiurá, localizados ao sul, à margem esquerda do rio Kuluêne. Depois de muito rogados, concordaram os Juruna e, em companhia dos Suiá, subiram o rio para atacar os Kamaiurá. Eram eles, Juruna, chefiados por Aumãma.

Os Suiá conheciam bem o caminho. Não encontraram, portanto, dificuldade alguma em localizar a aldeia Kamaiurá, a qual foi cercada à noite. Depois de uma longa espreita, ao clarear do dia, os Juruna, contrariando o desejo dos Suiá, fizeram alguns disparos sobre a aldeia, sem alvejar pessoas. Os Kamaiurá, como era natural, entraram em pânico. Aos gritos e desorientados, correram em tôdas as direções. No meio da confusão e desorientação, os atacantes fizeram prisioneiros: quatro mulheres que, na aflição da fuga, tomaram a sua direção.

Dando por terminado o ataque, com o abandono da aldeia pela totalidade da população, Juruna e Suiá tomam a trilha de volta, arrastando as mulheres que se debatiam desesperadamente. Em meio do caminho que ia ter às canoas, foram os raptos alcançados por um robusto jovem que, embora só e completamente desarmado, exige a devolução das mulheres, entre as quais estava sua esposa. Impressionados com a ousadia e a coragem do rapaz, estavam os Juruna dispostos a atender-lhe a justa exigência, o que não fizeram por oposição dos Suiá. Não querendo contrariar seus amigos, os Juruna cederam, acabando por abater o corajoso índio com dois certos tiros de rifle. O jovem, ou por não conhecer arma de fogo, ou mesmo por destemor, não procurou esquivar-se ao ver a carabina apontada na sua direção. Chamava-se Turucaré esse

môço e era, na ocasião, chefe dos Kamaiurá.

Quatro dias depois, Suiá e Juruna estavam de volta à aldeia dos primeiros. Era intenção dos Juruna levar as mulheres raptadas para a Pedra Sêca, porém os Suiá não concordaram com isso, tendo quase havido luta entre eles, o que não aconteceu em virtude da intervenção apaziguadora de Aumãma, cabeça do grupo Juruna.

Finalmente, os Suiá consentiram na descida de uma das quatro prisioneiras. Contrariados, os Juruna regressaram à sua aldeia e, lá chegando, planejaram nova subida do rio, dessa vez com o propósito de atacar os Suiá, não o fazendo diante da oposição do cacique Tchupimitá.

Dois ou três anos mais tarde, os Juruna sobem novamente o rio e como pretendiam atacar os Suiá, a aproximação foi feita de maneira diferente. Não navegavam a descoberto, não acendiam fogo que pudesse ser visto de longe.

O aldeamento Suiá, localizado pouco abaixo da foz do rio Paranajuba (Suiá-Missú), foi cercado à noite. No momento em que os Juruna tomavam posição ao redor das casas, o índio Enoacá — o mesmo que havia morado com os Suiá — pisa num cadáver. Impressionado com a ocorrência, resolve voltar para as canoas e de lá, com tiros, alertar os Suiá da aproximação dos Juruna. Ao ouvirem os estampidos os índios abandonam rapidamente a aldeia sob a fuzilaria dos Juruna entocaiados. Uma única mulher, tomada por homem, foi atingida pelos disparos. Mal clareou o dia, os Suiá, refeitos do susto, saem para o limpo e lançam suas flechas contra os atacantes que já invadiam a aldeia. Contam que o ímpeto

dos Suiá foi tão grande, nessa reação, que os Juruna, embora armados de rifles, tiveram que recuar, recebendo um deles uma flecha no peito. Mas como o arco se quebrou ao ser retesado, a flecha partiu com pouca força, não penetrando seu alvo. Os Juruna voltam ao ataque e conseguem aprisionar as três mulheres kamaiurá que eles e os Suiá haviam raptado anteriormente. Em seguida, alcançam suas canoas aportadas pouco abaixo da aldeia e descem o rio.

Na altura das corredeiras de von Martius, fazem uma longa parada e, executando um plano já assentado, derrubam mata para a plantação de roças. Era intenção deles, Juruna, mudar sua aldeia para aquele ponto do Xingu.

Chegando à "Pedra Sêca" para onde retornaram por não terem gostado de Cuarraludjádjáca — encontram vários barracões de seringueiros erigidos nas proximidades da aldeia. Constantino, proprietário do seringal, conseguiu através de promessas e presentes, fazer com que desistissem da mudança planejada e ficassem a seu serviço.

Decorrido algum tempo, outro seringal foi aberto pouco abaixo do barracão de Constantino. O dono do novo seringal já tivera contacto com os Juruna quando estes moravam abaixo da "Pedra Sêca". E como em certa ocasião havia ajudado os índios a se livrarem da ameaça de outros moradores civilizados, consegue atraí-los para as proximidades do seu seringal. Contudo, a permanência dos Juruna nesse lugar foi curta, de alguns meses apenas. De acordo com o plano que tinham, abandonam em massa a zona dos seringais e vão se instalar cerca de trinta quilômetros a montante das corredeiras de Von Martius.

Tr
ge m
um c
nha e
para
os ind
muda
ca". E
conco
muita
chefes
solve
ro de
to, o g
ceu n
cal qu
(Terra
Jurun
A
não se
tempo
lher e
ma lut
nou co
Após
Juruna
abaixo
ilha a
fim de
de pe
vam o
No
e mais
taram
nessa
ram a
cidiran
De vol
cú org
o rio p
tes hav
lho alc
(Onça
abaixo
Suiá-M
siã, lo
dade d
nuosa
do Sui
va. Ve
Diauar
todos
vinhar
esconde
caram
de um
comper

Transcorrido um ano, surge na aldeia recém-instalada um casal de seringueiros. Vinha em nome de Constantino para presentear e convencer os índios da vantagem de se mudarem para a "Pedra Sêca". De início, os Juruna não concordam, mas, depois de muita insistência, um dos chefes do grupo, Nhariacú, resolve acompanhar o mensageiro de Constantino. Entretanto, o grosso da tribo permanece na aldeia, situada no local que denominaram Pororí (Terra Vermelha, na língua Juruna).

A ausência de Nhariacú não se prolongou por muito tempo. Tendo perdido a mulher e dois companheiros numa luta com civilizados, retornou com sua gente ao Pororí. Após a volta de Nhariacú, os Juruna todos se deslocam rio abaixo e vão aldear numa ilha ao pé da Cachoeira, a fim de se livrarem das nuvens de pernilongos que infestavam o Pororí.

No ano seguinte, Nhariacú e mais algumas famílias voltaram ao Pororí, mas como nessa altura os Suiá começaram a saquear suas roças, decidiram retornar à Cachoeira. De volta à Cachoeira, Nhariacú organiza um grupo e sobe o rio para atacar os Suiá. Estes haviam abandonado o velho aldeamento do Diauarum (Onça Preta), situado pouco abaixo da embocadura do Suiá-Missú. Estavam, na ocasião, localizados na extremidade de uma baía longa e sinuosa que defrontava a boca do Suiá-Missu ou Paranajua. Verificando, porém que o Diauarum era visitado quase todos os dias pelos Suiá que vinham à procura de piqui, esconderam-se na mata e ficaram esperando a chegada de um grupo numeroso que compensasse o ataque. Isto

logo aconteceu. Os Suiá apareceram em duas canoas apinhadas: — cinco homens, dez mulheres e um menino. Nhariacú sai do esconderijo com sua gente e abate os cinco homens; depois, aprisiona as mulheres e o menino. Em seguida, regressa à sua aldeia, distante cerca de duzentos quilômetros rio abaixo.

Mais ou menos nessa ocasião, os Juruna resolveram estabelecer relações amistosas com os Kamaiurá e outros grupos dos formadores do Xingu. Inicialmente, seguiram poucas pessoas e entre elas duas das mulheres kamaiurá que haviam sido raptadas. Chamavam-se, Iamacú e Tanarê. O grupo compunha-se de menos de dez: — Enoacá e sua esposa Iamacu (kamaiurá, como vimos); Manamaná e sua mulher Tanarê, também kamaiurá; os filhos desses dois casais e dois homens solteiros.

Na confluência dos rios Kuluêne e Ronuro, não muito longe da aldeia, encontram alguns Kamaiurá. Iamacú e Tanarê entabulam conversação com seus parentes, dizendo que era propósito dos visitantes conhecer os Kamaiurá e deles ficaram amigos. Depois de uma troca de presentes e de outras manifestações de amizade de parte a parte, os Juruna retornam à sua aldeia e comunicam a todos a boa receptividade que tiveram. Diante disso, Aumâma resolveu subir com todos os Juruna para visitar os novos amigos. Somente uma pequena parte da tribo não quis acompanhar Aumâma, permanecendo na aldeia.

O numeroso grupo Juruna foi muito bem recebido e presenteado pelos Kamaiurá.

De regresso, Aumâma encontra os Juruna na ilha do Pororí. Soube que haviam abandonado a Cachoeira por causa da ronda constante dos

Caiapó e que esse fato vinha dificultando aos Juruna recolher o produto das suas roças, plantadas na margem esquerda do rio. Apenas Xibui e sua família continuavam na Cachoeira, para onde se deslocaram mais tarde Maricauá e seus parentes. Mas Nhariacú e o resto dos Juruna permaneceram no Pororí. Alegava este chefe que os Caiapó (Txucarramãe, como os chamava) por serem muitos, acabariam destruindo a todos eles, Juruna.

De fato, pouco tempo depois destes movimentos, os Txucarramãe assaltaram os Juruna, causando-lhes três mortes. Com isto, os Juruna que se encontravam na Cachoeira reuniram-se aos do Pororí. Passados alguns dias, vão todos juntos à Cachoeira e verificam que os Txucarramãe estavam presentes e se serviam de suas roças. De volta à aldeia, os Juruna iniciam os preparativos para atacar os Txucarramãe. Munidos de arcos, flechas e das carabinas "44" que possuíam, descem até a Cachoeira e enveredam mata à dentro à procura do inimigo. Após dois dias de caminhada por uma trilha aberta pelos Txucarramãe, alcançam esses índios. O grupo Juruna, chefiado por Maricauá, aproxima-se cuidadosamente do lugar em que os Txucarramãe estavam acampados. Então, apoiando sua arma no ombro de um companheiro, Maricauá derruba um deles. Verificando, porém, que estavam em grande número, os Juruna regressam rapidamente para a margem do rio levando a cabeça do morto.

Tendo a situação se acalmado depois desse ataque — com o não reaparecimento dos Txucarramãe nas imediações da Cachoeira — os Juruna partem para uma nova viagem rio acima em visita aos Ka-

maiorá. Desta vez, era Nhariacú quem chefiava o grupo. Como já havia acontecido na viagem anterior, foram bem acolhidos e hospedados. Vários dias estiveram na aldeia Kamaiurá, estreitando cada vez mais os laços da amizade recentemente começada entre as duas tribos. Os Kamaiurá, dando prova de confiança, consentiram na descida de um dos seus em companhia dos visitantes. Chamava-se Tepará, êsse índio.

Na ausência de Nhariacú, Aumãma, seu irmão Maricauá e outros, seguiram para o seringal da "Pedra Sêca", onde permaneceram vários meses, voltando de lá com presentes e um convite de Constantino no sentido de que descessem todos para o seu barracão. Informado do convite ao regressar à aldeia, Nhariacú rumou para o seringal com todo o seu grupo, levando, inclusive, algumas das mulheres roubadas dos Suiá.

Chegando à "Pedra Sêca", os Juruna são convidados para descer o Xingu e conhecer Altamira. Aceitam e vão quase todos. No seringal, ficam apenas Nhariacú, sua família, e mais alguns.

Em Altamira, os Juruna foram acometidos de sarampo, morrendo todos, com a exceção de um menino kamaiurá que eles criavam. Com a volta dessa criança e dos homens de Constantino, o sarampo irrompeu também nos barracões da "Pedra Sêca", vitimando a maior parte dos que haviam permanecido nesse lugar. Depois disso, Nhariacú e família (que embora atacados pelo sarampo, escaparam à morte), retorna à aldeia que continuava instalada no Pororí. Quase ao mesmo tempo, Aumãma regressava de outra visita aos Kamaiurá, trazendo nessa viagem uma

mulher kalapálo, chamada Caissucá.

Por essa época, uma expedição de três civilizados, guiada por índios Bacairí, chegou à aldeia Juruna. Julgamos tratar-se da Expedição Fontoura que, como se sabe, desceu o Xingu em 1913. No primeiro momento, os Juruna quiseram matar êsses exploradores, mas, aconselhados por um de seus chefes que dizia tratar-se de gente boa, abandonaram a idéia. A expedição, depois de alguns dias de descanso na aldeia, reiniciou a descida do rio com a ajuda dos Juruna, pelos quais foi acompanhada até um local situado abaixo das corredeiras de von Martius. Contam os índios que, nessa altura, o chefe da Expedição (Fontoura, com certeza), manifestou o desejo de regressar, mas, informado por eles, Juruna, de que os civilizados não estavam muito longe daquele ponto, resolveu prosseguir viagem rio abaixo.

Alguns meses depois da passagem da expedição, os Juruna subiram para visitar os Kamaiurá. Com exceção de Maricauá que tendo encontrado os Uaurá na confluência Kuluêne-Ronuro decidiu seguir com eles para conhecer sua aldeia, todos os outros, inclusive Aumãma, permaneceram longo tempo entre os Kamaiurá. Quando, finalmente, Maricauá chegou de volta ao Pororí, o resto dos Juruna já havia regressado àquela aldeia. Os presentes recebidos dos Uaurá — enfeites, arcos, flechas,ovelos de algodão e outras coisas, produziram boa impressão nos Juruna. Mas o que lhes causou maior satisfação foram as grandes e vistosas panelas de barro que somente os Uaurá sabiam fazer.

Quatro índios de cima acompanharam os Juruna no

seu regresso ao Pororí: — Aparrurú, homem kamaiurá; Tuví e Kaialacú, mulheres dessa mesma tribo e, finalmente, Kataucá, índio Trumái. Êste último, reunira-se aos Juruna quando êstes passaram por sua aldeia, no Anariá.

No ano seguinte, os Juruna empreenderam outra viagem rio acima, dessa vez com o objetivo de estreitar suas relações com os Uaurá, de onde, algum tempo antes, Maricauá voltara muito satisfeito. Todos os Juruna participaram dessa viagem, menos Tchupimitá que permaneceu na aldeia com sua família. Na aldeia Uaurá, que alcançaram depois de uma jornada ininterrupta de quinze dias, tudo correu da melhor maneira possível, num ambiente de franca camaradagem. No regresso, dois índios Uaurá, chamados Akoeté e Ianumacacumá, acompanharam os Juruna com o consentimento de Upatacú, chefe da tribo.

Depois dessa visita que significou um definitivo estreitamento de relações entre os dois grupos, os Juruna, com a intenção de ficarem mais perto das aldeias amigas localizadas ao sul, isto é, nos formadores do Xingu, decidiram transferir sua aldeia do Pororí para a foz do Maritsauá-Missú.

Nessa altura, Maricauá e alguns acompanhantes realizaram uma visita aos Trumái, presenteando-os, na ocasião, com facões, colares e duas armas de fogo, o que muito agradou aos Trumái. Ao regressar dessa visita, Maricauá foi espontaneamente acompanhado por cinco mulheres e um homem. As mulheres chamavam-se Parráí, Caiulú, Iacaiquirú, Maiquí e Ataucá; Tavaracú era o nome do homem.

Enqu
a instal
construi
do mata
roças, os
los dês:
mais du
rá e Tr
uma das
ra sua
maiorá,
môço, d
retornou
gem, e v

Pouc
já se en
ça para
Missú, 1
outro m
tino que
voltar à
vez, por
der ao c
ta, muc
do Mari
tuado n
tros a m
que esta

Após
Oxi, o
Cavurim
Nhariac
Trumái
nessa oc
gar den
ço mort
direita
ma da
com o
dias dep
runa es
mái, no

Term
te a qu
sentes e
de amir
gem at
perman
No regr
deia Tr
quer oc
tenha s
volta à
rú diz a
mái tive
tar seu
do pern

Enquanto providenciavam a instalação da nova aldeia construindo casas e derrubando matas para a plantação de roças, os Juruna, nos intervalos desses serviços, fizeram mais duas visitas ao Kamaiurá e Trumái. No regresso de uma das viagens, levaram para sua aldeia um jovem kamaiurá, chamado Maricá. Esse móço, depois de alguns anos retornou ao seu grupo de origem, e vive até hoje.

Pouco mais tarde, quando já se encontravam de mudança para a foz do Maritsauá-Missú, foram procurados por outro mensageiro de Constantino que os convidava para voltar à "Pedra Sêca". Dessa vez, porém, deixando de atender ao chamado do seringalista, mudaram-se para a boca do Maritsauá-Missú, ponto situado mais de cem quilômetros a montante do lugar em que estavam.

Após êsse deslocamento, Oxí, o kamaiurá Aparruru e Cavurimã, filho do chefe Nhariacú, subiram para os Trumái em visita. Os Trumái, nessa ocasião, residiam no lugar denominado Anariá, braço morto ou baía da margem direita do Kuluêne, pouco acima da confluência dêsse rio com o Ronuro. Seis ou sete dias depois da partida, os Juruna estavam entre os Trumái, no Anariá.

Terminada a visita, durante a qual houve troca de presentes e outras manifestações de amizade, estendem a viagem até os Kamaiurá, onde permanecem por alguns dias. No regresso, pernoitam na aldeia Trumái sem que qualquer ocorrência ou incidente tenha se registrado. Mas, de volta à aldeia Juruna, Aparrurú diz a Nhariacú que os Trumái tiveram a intenção de matar seu filho Cavurimã, quando pernoitaram no Anariá.

Nhariacú, dando crédito às afirmações de Aparrurú, sobe com vários companheiros para atacar os Trumái. Perto da aldeia, os Juruna se escondem e aguardam a noite. Pouco antes do amanhecer, escuro ainda, desfecham o ataque alvejando e matando os dois primeiros homens que abandonaram as casas. Outros dois que se aproximaram atraídos pelos estampidos, tiveram a mesma sorte dos primeiros. Foram as únicas vítimas de morte. Os demais conseguiram escapar, embrenhando-se nas matas e cerrados próximos. Na confusão, quatro índios foram agarrados pelos assaltantes: — Aloarí, de aproximadamente quinze anos; Macaiuí, menino de doze; Cucuarí, de quatro ou cinco; Amaiquí, mulher jovem e um homem velho que foi morto por Enoacá durante a retirada.

Quando o dia clareou de todo, verificaram os Juruna que os dois primeiros homens que haviam sido mortos eram Kamaiurá que se encontrava em visita aos Trumái. Ficaram, por isso, muito consternados, principalmente pelo facto de um dêles ser filho de Tacumã, chefe dos Kamaiurá.

De regresso, acampam no Morená — confluência dos rios Kuluêne e Ronuro — de onde Nhariacú acompanhado de mais alguns se dirige para a aldeia Kamaiurá, a fim de explicar o incidente ocorrido no Anariá. Chegando à aldeia, depois de dizer à Tacumã que o desastre fôra resultado de um engano, presenteou-o como reparação pela morte do filho. Entretanto, notaram os Juruna que, apesar das explicações os Kamaiurá ficaram muito contrariados com o acontecido. Diante disso, desceram o rio sem a intenção de retornar.

Mas não resistiram por muito tempo ao desejo de restabelecer as antigas relações com as aldeias de cima, bem como à idéia de conhecer os Bacairí, aldeados no alto rio Kurizêvo.

Assim foi que Aumãma, o chefe geral dos Juruna, sobe o rio com o plano de visitar os Bacairí e de reatar relações com os Kamaiurá.

O grupo Juruna compunha-se de doze homens. Na altura do ribeirão Tuatuarí, afluente da margem esquerda do Kuluêne, Aumãma e sua gente encontraram os Kamaiurá que, no momento, realizavam uma das suas grandes pescarias. Os Juruna foram bem recebidos. Mas, em verdade, ressentidos ainda com o desastre do Anariá e, além disso, ambicionando as armas que os viajantes conduziam, os Kamaiurá resolveram matá-los, o que levaram a efeito depois de várias e astuciosas manobras. Nenhum Juruna sobreviveu. O grupo todo de Aumãma foi massacrado.

Meses após essa ocorrência, os juruna Xibutê, Manamaná, Maricauá e Aparrurú chegam à aldeia Kamaiurá à procura dos seus parentes. Disseram-lhes os Kamaiurá que Aumãma havia subido o rio Kurizêvo para visitar os Bacairí e que deveria demorar ainda um pouco na viagem, visto ser muito longe a aldeia daqueles índios.

Levando um convite no sentido de que todos subissem para aguardar no Ipavú (aldeia Kamaiurá), o regresso de Aumãma, os visitantes retornam ao Maritsauá, tendo seguido com êles uma jovem kamaiurá chamada Canhanacú, a qual, pouco antes, havia se separado do marido.

Quando os Juruna já se preparavam para subir, atendendo ao convite dos Kamaiurá, Aparrurú (índio kamaiurá

que vivia entre eles), embriagado pelo *cachiri*, desaconselha a viagem dizendo que os Kamaiurá estavam mentindo e que já haviam morto Aumãma e todos os outros.

Nhariacú, o outro chefe Juruna, não acredita na informação de Aparrurú, alegando que a morte dos Kamaiurá no Anariá já havia sido reparada e que, por isso, coisa alguma poderia ter acontecido a Aumãma.

Assim pensando, Nhariacú sobe o rio com oito companheiros para aguardar o retorno dos parentes na aldeia amaiurá. Lá chegando, tiveram boa acolhida. Entretanto, depois de alguns dias de espera, os Juruna começam a revelar impaciência, criando com isso, certo mal estar na aldeia.

Os Kamaiurá, muito perspicazes, apressam-se então em executar o plano que já haviam assentado para eliminar mais aquele grupo Juruna.

E assim, numa tarde em que todos os visitantes estavam reunidos na praça da aldeia, os Kamaiurá manifestam o desejo de vê-los confeccionar flechas, dizendo, na ocasião, que pretendiam aprender a técnica empregada por eles nesse trabalho.

Os Juruna, sem atinar com a verdadeira intenção dos outros, acomodam-se nuns banquinhos que lhe são trazidos e iniciam a confecção de flechas sob os olhos atentos de muitos circunstantes.

Quando os Kamaiurá percebem os Juruna inteiramente absorvidos no trabalho, vão, com fingida naturalidade apanhando as carabinas que se encontravam apoiadas ao lado de seus donos, os quais, cercados por muitos, não podiam atentar com o que se passava ao redor. No momento em que as armas estavam tôdas nas mãos dos Kamaiu-

rá, os Juruna, num mesmo instante, são enlaçados pela cintura e mortos à golpes de tacape.

Contam os índios ainda hoje que os Juruna, aldeados na ocasião abaixo do Maritsauá-Missú, tiveram conhecimento da ocorrência através da *revelação* de um dos seus pajés.

Depois disso, Aruandê, Xibutê e outros — que ainda aguardavam com alguma esperança o retorno de seus parentes — sobem o rio Paranajuvá à procura de taquarí para fazer flechas e, alcançando o lugar denominado Uaví — aldeia Suiá — restabelecem o contacto com êsses índios.

De volta à aldeia, perto da boca do Maritsauá-Missú, encontram-na sob insistente ronda de outros índios. A princípio, julgaram tratar-se dos Kamaiurá, mas, logo depois, verificam que os autores da ronda eram os Txucarramãe, quando êstes se descobriram para os atacar. O ataque foi rápido. Houve troca de flechas, alguns tiros, mas nenhuma vítima.

Dias após o ataque dos Txucarramãe, cinco homens suiá, liderados por Maritauanã, chegaram à aldeia Juruna. Maritauanã, dizendo-se muito zangado com os Kamaiurá, propõe aos Juruna uma aliança para atacá-los. Os Juruna se recusam e os Suiá regressam à aldeia. Decorrido um mês, Maritauanã reaparece com a mesma proposta. Os Juruna mais uma vez se recusam. Finalmente, numa terceira tentativa, a insistência foi tão grande por parte dos Suiá que os Juruna acabaram cedendo. Então, seguiram todos para o Uaví, onde, de acôrdo com o plano, ficariam as mulheres e as crianças, enquanto os ho-

mens subiriam o Xingu para atacar os Kamaiurá.

Mas a idéia dos Suiá era outra. Chegando à aldeia, matam os velhos Aruandê e Tchupimitá e aprisionam os demais. Contam os índios que até as mulheres Suiá ajudaram a segurar os homens e rapazes Juruna que foram poupados. Estando êstes bem seguros, Maritauanã pede à mulher de Xibutê, Caimbã (mulher suiá), para dizer aos Juruna que não seriam mortos, caso se acomodassem na aldeia. Assim, aconselhados por Caimbã, os Juruna foram se acomodando entre os Suiá.

Logo no início, os prisioneiros não podiam se afastar do Uaví, mesmo acompanhados. Mas, com o correr do tempo, êsse contrôle foi perdendo o rigor, de sorte que os Suiá passaram a se fazer acompanhar pelos prisioneiros nas longas viagens que empreendiam rio abaixo.

De uma feita, quatro Juruna e um Trumái acompanharam os Suiá numa excursão que se estendeu até a foz do Maritsauá-Missú, mais de três dias de viagem descendo o rio. Carí, Jubé, Oxí e Cáia, eram os Juruna; o Trumái chamava-se Tavaracú. Em determinado ponto da viagem, já de volta, Tavaracú diz aos Juruna que os Suiá iam matá-los, pois ouvira os Suiá tramando isso.

Pouco acima da boca do Maritsauá-Missú, quando o grupo fez uma parada, Oxí, dizendo que ia limpar o rifle que os Suiá conduziam, lança mão da arma e com três disparos põe todos êles em fuga. Depois, sem perda de tempo, embarca com os outros prisioneiros numa canoa e se afasta rápido. Tavaracú, prisioneiro também, não os acompanhou porque no momento estava ausente, colhendo fo-

lhas
brava)

Os
e lá ch
Em se
mesmo
te reag
ral con
sendo
desven
mata.
escuri
ma-se
ma ca

Os
bertar
descer
tavam
foram
da "Pe
seguer
sitavan
tas e v

Mu
subira
plano
Depoi
gem (c
ritsau
aldeia
perma
tempo
ra lib
mãos

Er
novo,
cança
najúv
fazer
ram (c
que
quela
bande
guira
ao l
pouco

R
na es
com
gund
dona
descc
mulh
colhi
nas
dias
rend

lhas de pacóva (bananeira brava).

Os Suiá regressam ao Uaví e lá chegando matam Xibutê. Em seguida, tentam fazer o mesmo com Maricauá mas este reage, entra em luta corporal com dois outros homens e sendo jovem e forte consegue desvencilhar-se e fugir para a mata. À noite, aproveitando a escuridão, Maricauá aproxima-se cauteloso, embarca numa canoa e desce o rio.

Os quatro moços que se libertaram durante a viagem desceram o Xingu e como estavam desprovidos de tudo, foram até um seringal abaixo da "Pedra Sêca" e, de lá, conseguem subtrair o que necessitavam, inclusive ferramentas e víveres.

Munidos desses recursos, subiram o rio sem nenhum plano ou objetivo definido. Depois de muitos dias de viagem chegaram à foz do Maritsauá-Missú onde se erguia a aldeia, agora abandonada. Aí permaneceram por algum tempo, assentando planos para libertar seus parentes das mãos dos Suiá.

Em seguida, partiram de novo, mas não querendo alcançar o Uaví pelo rio Paranajuvá (o que não poderiam fazer sem serem vistos), subiram o Xingu até um ponto que julgaram confrontar aquela aldeia. Nesse ponto, abandonaram as canoas e seguiram por terra em direção ao Paranajuvá, atingindo-o pouco abaixo do Uaví.

Rondaram-no o dia todo, na esperança de se comunicar com os parentes, mas, no segundo dia, tiveram que abandonar a espreita ao serem descobertos por um grupo de mulheres no momento em que colhiam um cacho de bananas numa roça limpa. As índias alarmadas saíram correndo e gritando, enquanto

os Juruna, mais que depressa, retornavam às suas canoas aportadas no Xingu, distante, nessa altura, cerca de quarenta quilômetros.

Novamente embarcados, os Juruna resolvem subir o rio com o propósito de raptar mulheres em qualquer das aldeias de cima. No Morená — confluência dos rios Kuluêne e Ronuro — decidem-se pela aldeia Uaurá e entram no rio Batoví. Dois dias de viagem Batoví acima, encontram os Uaurá batendo timbó numa baía. Depois de esconder as canoas, aproximaram-se cautelosamente do acampamento Uaurá, onde verificam haver maior número de mulheres que de homens. Deitam-se então ao lado da trilha que liga o acampamento à baía e se camuflam com palmas de acurí. Assim ocultos, aguardam a passagem das mulheres para aprisioná-las. Não esperaram muito tempo. Logo um grupo de quatro, vindo pela trilha, aproxima-se do lugar em que eles estavam. Por coincidência, ao chegar nesse ponto uma delas entra no cerrado para apanhar um filhote de passarinho e pisa, sem ver, num dos homens que estavam escondidos sob as folhas de acurí. Foi no mesmo instante agarrada, juntamente com as demais. Enquanto isso, Carí, um pouco afastado, dirige-se a um homem que vinha perto, mas, como trazia o cabelo cortado à xinguana, não foi imediatamente reconhecido. O uaurá só o identificou como Juruna depois que o viu portando uma carabina. Antes, pensara tratar-se de um kuicúru, kalapálo ou de um trumái. Reconhecendo-o, saiu correndo no rumo do acampamento. Então, para cobrir a retirada dos companheiros que arrastavam as mulheres, Carí fez dois dispa-

ros para o alto, na direção dos Uaurá. Pouco depois, os Juruna e suas prisioneiras desciam o rio em duas canoas.

Nos pousos rio abaixo dormiam com os pés em cima das mulheres para que não fugissem. Apesar do cuidado, no terceiro pouso, uma delas, com muito jeito consegue retirar o pé de Oxí que a prendia. Em seguida, sem fazer nenhuma bulha, acorda as companheiras e as convida para a fuga. Somente uma se decide a acompanhá-la; as restantes, por medo ou desânimo, preferem continuar com seus raptos. As duas fugitivas soltam então uma das canoas rio abaixo e empreendem na outra a viagem de volta.

Dêsse ponto em diante, os Juruna prosseguem a pé, margeando o rio. Depois de dois dias de marcha, Oxí e Carí improvisam uma balsa de paus secos e descem em busca de recursos. A idéia era chegar o quanto antes à aldeia do Maritsauá. Jubé e Cáia continuam por terra, levando as mulheres, porém, na foz do Paranajuvá constroem também uma jangada. Mais abaixo, quando já estavam perto da boca do Maritsauá, ouvem cinco disparos de arma de fogo. Contam que na mesma hora tiveram o pressentimento de que civilizados haviam atirado em Oxí e Carí. Pouco adiante, ao avistarem fumaça e logo depois gente vestida, compreenderam tratar-se realmente, de civilizados. Após alguma indecisão, seguida de gritos e respostas, encostaram no acampamento. Era um grupo de seringueiros de Constantino que, atendendo a um pedido de Maricauá, estava subindo o rio para atacar os Suiá e libertar os Juruna prisioneiros. Um dos civilizados que falava algumas palavras da língua juruna contou a Ju-

bé e Cáia que, naquele mesmo dia, haviam morto dois índios bravos que desciam o rio numa jangada. Ao saberem do engano cometido, culpam Maricauá por não ter reconhecido seus parentes. Maricauá que estava fora, pescando, justificou-se ao chegar dizendo que não reconhecera Oxí e Carí porque estavam com os cabelos aparados à xinguana.

No dia seguinte, seringueiros e Juruna reiniciam juntos a subida do rio. Mais acima, deixam o Xingu e entram no Paranajuvá, água dos Suiá. Quarenta quilômetros além da foz, no lugar de uma antiga aldeia Suiá, os seringueiros descarregam parte dos víveres e outras coisas que levavam a fim de se deslocarem com mais facilidade. Cáia e as mulheres uaurá ficaram vigiando a carga.

Dias depois, o Uaví, aldeia Suiá, foi atingido no momento em que estes índios realizavam o cerimonial do Javari. A aldeia foi cercada à noite e assaltada pela manhã. Os Suiá, ao abandonarem em pânico as malocas, eram alvejados no terreiro. Depois de uma verdadeira fuzilaria de "rifles" 44 que vitimou grande número de homens, mulheres e crianças, os seringueiros, completando sua obra, atearam fogo às malocas, tendo uma índia e seu filho de colo perecido no incêndio. Mais da metade da tribo fôra dizimada. Os Juruna prisioneiros, percebendo que se tratava de Maricauá, colocaram-se quase todos a salvo, escapando dessa forma ao massacre de que foi vítima a população da aldeia. E assim, mais de dois terços dos Juruna que se encontravam no Uaví foram arrebanhados pelos seus pretensos libertadores. Pretensos libertadores porque já vinham instruídos por Constantino no

sentido de forçá-los a descer para o seu barracão de onde, por várias vezes, eles, Juruna, haviam fugido para se livrarem de maus tratos e de abusos.

Os Suiá, depois do desastre, subiram o rio Kuluêne, comandados por Takará. Chegando ao Kuluêne, dividiram-se em pequenos grupos. Um deles, o mais numeroso, seguiu para a aldeia Kamaiurá; outros menores foram para as aldeias Trumái e Meináco.

A par da situação em que se encontravam os Suiá, seus inimigos inconciliáveis, os Trumái aguardaram uma oportunidade para desforrarse de antigo revés. Tal oportunidade surgiu quando Cacatsá, um dos principais entre os Suiá que se achava na aldeia Trumái, resolveu descer ao Curuquiá à procura de piqui. Dizem que Cacatsá, nessa ocasião, estava muito doente e coberto de feridas, mal podendo se levantar da rede. Mesmo assim, não se cansava de descrever aos Trumái e aos outros índios de cima os mais duros lances do ataque que sua gente havia sofrido por parte dos civilizados. Civilizados que até então, eles, Suiá, só conheciam através das mortíferas carabinas que tantas vezes tinham visto nas mãos dos Juruna. Mas os Trumái que — como dissemos — tinham velhas contas a ajustar com os Suiá não se condoeram diante da miserável situação destes últimos. Entretanto, não querendo agir em sua própria aldeia, logo que Cacatsá e seu grupo partiu para o Curuquiá, seguiram também para esse lugar, dispostos à desforra. Alcançando o Curuquiá, não perderam tempo: utilizando as bordunas dos próprios Suiá, lançaram-se contra eles. Cacatsá e mais dois suiá foram

mortos; os demais fugiram para a mata. Como presa de guerra, os Trumái aprisionaram quase todas as mulheres: Cocum, Coconhacó, Caiucú, Paití e Cucumã.

Informado do novo desastre, Takará, o chefe Suiá que se encontrava na aldeia Kamaiurá, pediu o auxílio destes índios para atacar os Trumái. Atendendo ao apêlo, os Kamaiurá juntam-se aos Suiá e atacam os Trumái no Cranhãnhã. O encontro foi rápido. Os Trumái, embora apanhados de surpresa, sofreram apenas três baixas. Takará, conseguindo reaver as mulheres aprisionadas, deu-se por satisfeito e retornou à aldeia Kamaiurá, onde permaneceu por mais algum tempo.

Amedrontados, os Trumái mudam-se então para junto dos Uaurá, os quais, nessa ocasião, fugindo de outros índios, haviam se transferido do rio Batoví para o rio Kurizêvo.

Os Suiá, depois de curta permanência no Ipavú (aldeia Kamaiurá), retornaram ao Paranajuvá deixando no alto-Xingu parte dos antigos prisioneiros do Uaví, bem como alguns membros do próprio grupo.

Com os Kamaiurá, ficaram: Jacuí, mulher juruna e seu filho Bibina; Tamacú e Ivaú, filhos de juruna e de mulher kamaiurá; Xaradá, filho de Maricauá. Com os Trumái, Aloarí e Tavaracú. Na mesma ocasião, o jovem Akoe-té, uaurá, retornou à sua aldeia.

Além dessas pessoas que voltavam aos seus grupos de origem, ficaram com os Kamaiurá as seguintes mulheres Suiá: Coconhacó, Cocum, Paití, Caiucú e Cucumã.

Voltando aos Juruna, eles, que por ocasião do assalto dos seringueiros, haviam sido le-

vados
o seri
gem
deia
salto
do ric
D
da ex
colhe
e out
para
gar o
nome
Pa
dessa
colhi
ram
ra da
sú, o
vas,
aque
N
por
um
Desci
sendo
va be
avist
Dian
perai
xima
três
perfo
ram
les
Suiá
com
cont
que
no r
bre
bre
ra i
chas
no s
tant
mas
tem
rirri
me
min
irm
ater
mat
una
cos

vados contra a vontade para o seringal de Constantino, fogem de lá e vão levantar aldeia a meia distância entre o salto de von Martius e a foz do rio Maritsauá-Missú.

Das velhas roças que ainda existiam perto daquela foz colhem as ramas de mandioca e outras mudas e sementes para as plantações do novo lugar que, mais tarde, tomou o nome de "Lagôa Sêca".

Para facilitar o transporte dessas mudas até o local escolhido, os Juruna acamparam provisoriamente na altura da boca do rio Auaiá-Missú, onde, em viagens sucessivas, passaram a acumular aquelas coisas.

Numa dessas viagens, feita por Cáia e Diarrirri, houve um encontro com os Suiá. Desciam estes em três canoas, sendo que uma delas navegava bem adiante das outras. Ao avistá-la, Cáia e seu irmão Diarrirri se esconderam e esperaram que a canoa se aproximasse. Vinha tripulada por três homens. Quando chegou perto, os Juruna reconheceram seus tripulantes: um deles era Maritauanã, o chefe Suiá que os havia enganado com a proposta de aliança contra os Kamaiurá. Cáia, que conduzia uma carabina, no mesmo instante se descolou e faz quatro disparos sobre Maritauanã. Este, embora ferido, responde com flechas às balas que se cravam no seu corpo. No último instante, recostado na canoa, mas de arco em punho, ainda tem ânimo para dizer a Diarrirri que se aproxima: — "não me mate você que morou na minha casa; deixe isso a seu irmão". Mas Diarrirri não atende ao apêlo e acaba de matar o velho cacique com uma flecha lançada de poucos metros de distância.

Dos outros dois que se encontravam na canoa, um consegue escapar saltando na água e nadando para a margem; o restante era um índio Nafuquá, chamado Camarivé, que já havia morado com os Juruna antes do aprisionamento do Uaví. Esse foi poupado.

O encontro com Maritauanã ocorreu pouco antes do lugar das roças velhas. Sabendo os dois Juruna que havia mais Suiá rio acima — pois tinham visto suas embarcações — voltaram para o acampamento, onde Jubé e Maricauá estavam construindo canoas.

Concluído esse trabalho, os Juruna trataram de transportar para a "Lagôa Sêca" toda a carga de ramas que haviam acumulado no local em que estavam. Depois disso, subiram o rio com o objetivo de atacar os Suiá. Dessa vez, ninguém ficou para trás. Todo o grupo participou da viagem. Homens adultos, só havia cinco: — Maricauá, Jubé, Diarrirri, Cáia e Camarivé, o nafuquá que fôra poupado no dia da morte de Maritauanã.

Vencido o trêcho do Xingu que os separava do Paranajuva (Suiá-Missú), passaram a subir este último. Dois dias água acima, encontraram um homem Suiá pescando, o qual foi morto a tiros por Cáia. Nessa altura acamparam e aguardaram a noite para prosseguir viagem. Já em movimento, passaram de madrugada por um acampamento Suiá iluminado pelo fogo. Cautelosamente, ultrapassaram esse lugar e foram esperar os Suiá um pouco acima, no tope de uma corredeira, pois haviam percebido que eles estavam subindo o rio. Colocando em lugar seguro e escondido as mulheres, as crianças e as canoas, postaram-se

de arma na mão ao lado de uma passagem obrigatória. Não demorou muito, surgiram os Suiá embarcados em três canoas. Quando a primeira, com a ajuda dos tripulantes das outras, transpôs o trêcho encachoeirado, dispararam suas armas atingindo e matando dois homens. Um deles chamava-se Cuiuci e era cacique; o outro era um índio Iarumá de nome Tiamití. Pararái, mulher Trumái que se encontrava com eles, reuniu-se aos atacantes. Ela já havia morado com os Juruna e fazia parte dos prisioneiros do Uaví. Os tripulantes das outras duas canoas ao perceberem o movimento — os gritos, as flechas lançadas e os estampidos, trataram logo de fugir, abandonando as canoas. Porém, antes de saltarem n'água, procuraram golpear com tacape uma prisioneira Juruna que se encontrava entre eles. A mulher, que se chamava Inhacaidú, conseguiu livrar-se do golpe atirando-se ao rio antes dos outros e encolhendo-se atrás de uma das canoas. Os Juruna socorreram-na logo, aprisionando, no mesmo momento, uma mulher Suiá chamada Viçú.

Informados por Inhacaidú de que Cocotaperití, outro chefe Suiá, estava acampado rio acima, os Juruna resolveram continuar subindo. Como viajavam à noite, de longe avistaram o clarão do acampamento de Cocotaperití. Aproximaram e esperaram o dia clarear. De madrugada, viram Cocotaperití atravessar o rio para flechar mutum. Os Juruna que estavam escondidos à pequena distância, acabaram de chegar por terra ao acampamento do suiá, onde encontraram duas mulheres e um menino, todos dormindo. Mais por divertimento que outra coisa, fica-

ram agachados e silenciosos em tórno do fogo. Como as mulheres estavam demorando despertar, chamaram-nas sacudindo as rédes em que dormiam. Ao acordarem, foram seguras juntamente com o menino que era irmão de Cocotaperití. Chamavam-se Cairucú e Amitê as mulheres, Batecí o menino.

Satisfeitos com o resultado da viagem, na qual não perderam nenhum dos seus, voltaram os Juruna para "Lagôa Sêca", com seu grupo numéricamente aumentado.

Depois de permanecer na aldeia o tempo necessário para plantar as roças, já derrubadas e queimadas, empreenderam uma nova viagem. Desta vez, não com intenções guerreiras, mas com objetivo puramente exploratório. O passeio que se prolongou por vários meses, foi realizado no rio Jarina, afluente da margem esquerda do Xingu e que tem sua foz dois ou três quilômetros a montante das corredeiras de von Martius. Subiram o rio até o seu alto curso, onde encontraram vestígios de outros índios. Nessa viagem, os Juruna não levavam nenhuma reserva de mantimentos. Durante todo o tempo, alimentavam exclusivamente de peixe, caça, palmito e mel.

Quando chegaram de volta à "Lagôa Sêca", as roças que haviam plantado ao partir já estavam produzindo — milho principalmente.

Após uma permanência de dois anos na "Lagôa Sêca", os Juruna deslocaram a aldeia para uma ilha situada, aproximadamente, trinta quilômetros rio abaixo. O motivo da mudança, era a impossibilidade de encostar as canoas no pórtio das suas moradas, durante a época sêca do ano.

O nôvo lugar tomou o nome de "Fuacá" que em língua juruna quer dizer "Roça dos Porcos". Foi nos primeiros meses de "Fuacá" que retornaram alguns dos antigos prisioneiros dos Suiá que haviam sido levados para a aldeia dos Kamaiurá depois do ataque dos seringueiros. Eram eles: Jacuí e seu filho Bibina; Caiuti e Jacaitiru (mulheres Suiá) e, finalmente, Mucarrá.

Jacuí, que fôra espôsa de Nhariacu e entre os Kamaiurá era espôsa do cacique Tacumã, dizendo que ia à lagoa à procura de carangueijos, conseguiu passar com os seus acompanhantes para o rio Kuluêne, por ser época das cheias. Dez dias os fugitivos gastaram para alcançar "Fuacá", distante mais de trezentos quilômetros rio abaixo.

Com a chegada de Jacuí é que os Juruna ficaram sabendo exatamente o que havia acontecido com Aumãma, Nhariacu e todos os seus companheiros que, há anos, haviam subido para visitar os Kamaiurá e que não mais voltaram.

Maricauá, o chefe Juruna na ocasião, revoltado com as revelações de Jacuí sôbre o trágico fim que tiveram os seus parentes entre os Kamaiurá, resolve tirar uma desforra e, com êsse propósito, sobe o Xingu acompanhado de todo o grupo, atingindo quinze dias depois a confluência Kuluêne-Ronuro. Sabendo que êsse lugar, conhecido dos índios por Morená, era assiduamente frequentado pelos Kamaiurá, os Juruna acampam e ficam à espera do aparecimento de alguém. Não demorou muito, surge uma canoa com alguns índios. Os Juruna, do seu acampamento, gritam e acenam para a canoa encostar. Os Kamaiurá encostam numa praia e trocam palavras. Maricauá para infundir confiança nos outros,

fala da presença de Canhanacu ali entre êles. Canhanacu era mulher Kaamaiurá que vivia com os Juruna. Por fim, a canoa se aproxima do acampamento e Maricauá reconhece Tavairã e já à pequena distância, oferece colares a Tavairã, pedindo a êle que fôsse buscar Xaradá. Xaradá era filho de Maricauá e como prisioneiro dos Suiá fôra trazido para a aldeia dos Kamaiurá. Tavairã concorda e ruma para a aldeia em busca de Xaradá. Dois dias depois estava de volta trazendo além menino, Itsaru, mãe de Canhanacu, e vários outros homens que haviam anteriormente vivido com os Juruna. Eram: Tepará, Taviá, Giripá e Tamacaiú. Êste último era Trumái.

Os Kamaiurá desta vez não encostaram logo de chegada no acampamento dos Juruna. Aportaram numa praia de onde respondia, gritando, às perguntas e aos chamados que os Juruna lhes faziam. Depois de muita insistência, uma canoa chega ao acampamento com a velha Itsarú, Xaradá e Tamacaiú. O último leva a canoa de volta para os Kamaiurá com um chamado de Maricauá no sentido de que fôssem até êle a fim de receber colares e outras coisas. Os Kamaiurá acabam se decidindo e vão ao encontro de Maricauá. Eram êles: Tepará, Giripá, Taviá e Tavairã, Tamacaiú, o trumái, e uma mulher Suiá de nome Paiti. No momento em que a canoa encostou na margem, um dos tripulantes kamaiurá, presentindo o que ia acontecer, salta n'água para fugir, mas Maricauá, já prevenido, lança mão da arma escondida a seus pés e dispara rápido contra os quatro homens. Giripá e Tavairã, morreram logo; Taviá e Tepará que procuravam alcançar a nado a

outra m
guidos e
do que
gua, qu
praia na

Term
Juruna,
cem o ri
macaiú,

Depo
alguns
apronta
uma nov
no rio
biram-n
cabeceira
contrara
casca de
e outro
Lemb
tar,
cente
tígios
índios

Consu
sa viagem
ciado po
ânsia vi
ma out
são fize
tro anos

Foi
tiva cal
Juruna
com fre
nas de
vam na
rio. Co
vam nã
muito
que a
te, os
mo me
locar a
ilha ric
caíu na
a qual,
viam o
lativar
tância
Fuacá,
antes
De esp
dios a
necessi

Cer
Juruna

outra margem foram perseguidos e mortos também, sendo que um deles já fora d'água, quando corria numa praia na direção da mata.

Terminada a matança, os Juruna, na mesma hora, desceram o rio levando Xaradá, Tamacaiú, Itsarú e Paiti.

Depois de uma parada de alguns dias em "Fuacá", aprontam-se e partem para uma nova e longa exploração no rio Maritsauá-Missú. Subiram-no até quase as suas cabeceiras, onde, contam, encontraram muitas canoas de casca de árvore abandonadas e outros sinais de moradores. Lembremos que podia se tratar, neste caso, de remanescentes dos Maritsauá ou vestígios de alguma incursão de índios do rio Telles Pires. Consumiram vários meses nessa viagem, a qual deve ter saziado por algum tempo a sua ânsia vilegiatória, pois nenhuma outra excursão ou incursão fizeram nos três ou quatro anos seguintes.

Foi nesse período de relativa calma, que começaram os Juruna a avistar da aldeia, com frequência, grossas colunas de fumaça que se elevavam na margem esquerda do rio. Como a ilha em que estavam não era segura, por ser muito estreito e raso o braço que a separava do continente, os Juruna resolveram, como medida de precaução, deslocar a aldeia para uma outra ilha rio acima. A escolha recaiu na velha ilha do Porori, a qual, já por várias vezes haviam ocupado. Como era relativamente pequena a distância que separava Porori de Fuacá, a mudança foi feita antes da plantação de roças. De espaço a espaço iam os índios a Fuacá suprir-se do que necessitavam.

Certo dia, desejando os Juruna visitar Lagoa Sêca pa-

ra verificar se lá ainda restava alguma coisa das antigas plantações, subiram o rio. Numa determinada altura da viagem encostaram as canoas na margem esquerda, a fim de tirar um "chupé". Quando Xaradá e Bateci subiam na árvore afastada uns cinqüenta metros da margem para retirar a casa da abelha, foram surpreendidos e agarrados pelos Txucarramãe. Os Juruna quiseram socorrer os meninos, mas tiveram que enfrentar outros Txucarramãe que já vinham ao encontro deles. Depois de trocar algumas flechas em terra, os Juruna voltam para suas canoas, mas antes de se porem à salvo, Amitê é atingida por uma flecha, morrendo logo em seguida. Era a mulher de Cáia. Xaradá, como já dissemos, era filho de Maricauá e Bateci o menino Suiá raptado no Paranajuva.

Fimda a luta, os Juruna desistem, naturalmente, da visita à Lagoa Sêca e retornam ao Porori.

Transcorridos dois anos deste encontro, os Txucarramãe reaparecem. Era a época sêca do ano. Os Juruna, como é seu costume, estavam acampados numa ilha de areia, quase encostada na margem esquerda do rio e pouco acima da aldeia. Certa noite, Cáia ouve pisadas na areia. Comunica o fato aos companheiros. Estes, Maricauá e outros, não se preocupam dizendo tratar-se de anta ou de outro animal qualquer. Estavam nessa troca de opinião, quando chegam aos seus ouvidos vários estampidos de arma de fogo. Acostumados com essas correrias, dentro de instantes estavam quase todos, homens, mulheres e crianças embarcados e já abrindo as canoas para o largo. Cáia e Maricauá, os mais velhos, para cobrir a re-

tirada dos seus, permaneceram mais algum tempo na praia respondendo com as suas armas aos disparos dos atacantes. Mas quando perceberam que os Txucarramãe estavam em grande número, trataram de embarcar e se reunir aos outros que já haviam alcançado a margem oposta. Era noite ainda.

Ao amanhecer, os Txucarramãe, em número de dez homens, tomam uma canoa que ficara na praia e rumam para o outro lado do rio, com o propósito, logicamente, de alcançar os Juruna, julgando, com certeza, terem estes fugido mata à dentro.

Mas, em verdade, os Juruna estavam ali mesmo na beira d'água, na barranca do rio, bem escondidos e vigiando a aproximação do inimigo. No momento em que a embarcação, com os seus dez tripulantes chegou à distância de tiro, Cáia e Maricauá abrem fogo contra ela, atingindo mortalmente vários de seus tripulantes. Os que não foram mortos saltaram n'água: — uns nadando procuravam alcançar a margem de onde vieram; outros rodavam com a canoa procurando se escudar com ela. Enquanto isso, os Juruna embarcados nas suas canoas se acercavam deles passando a matá-los a tiros e à golpes de pau. Nesta operação, ao encostar num dos naufragos, este num movimento rápido salta para dentro da canoa atracando-se com Cáia que foi logo socorrido pelo companheiro. O Txucarramãe devolvido à água foi em seguida morto com enérgico golpe de clava na cabeça.

Os Txucarramãe que do outro lado do rio acompanhavam o desenrolar da dramática cena, afastam-se logo depois dela terminada. Os Juruna, por sua vez, recolhem-se à ilha.

Depois desse duro castigo, os Txucarramãe desaparecem por vários anos. Anos de relativamente calma para os Juruna, uma única vez quebrada pela aproximação e ronda dos Suiá, sem outra consequência além do alarma que provocou.

Passado esse período de tranquilidade, os Juruna, certo dia, subiram para o Diauarum com o propósito de colher piqui, fruto apreciado pelos índios e abundante naquele lugar. Verificando que os Suiá estavam presentes, aportam as canoas numa ilha perto da margem e gritam por êles, Suiá. Surge um índio na barranca e Maricauá o reconhece. Era na casa desse homem que residia sua filha, retida no Uaví desde a *cilada* de Maritauanã. Maricauá, então, pede-lhe insistentemente que a devolva. O índio (se não nos enganamos era um kalapálo de nome Piá e que residira com os Juruna antes da prisão do Uaví), atende à reclamação e restitui Xaá ao seu verdadeiro pai. Tamacaiú que se encontrava entre os Juruna e que tinha velha rixa com Piá, aproveita a ocasião para matá-lo, o que muito contrariou Bibina, filho de Nhariacú e amigo de infância do morto.

Voltam os Juruna ao Pororí, onde reencetam por mais dois anos a vida calma que vinham levando, quebrada daí para a frente com os reaparecimentos sucessivos dos seus inimigos, os Txucarramãe.

A primeira aparição dos Txucarramãe nessa nova fase ocorreu perto da aldeia. Surgiram na margem do rio gritando e acenando para os Juruna que, depois de alguma indecisão, embarcam numa canoa e vagorosamente se dirigem para a barranca em que estavam os índios. Quando próximos, viram que os vi-

sitantes exibiam machados e davam com os braços para que encostassem. Os Juruna avançam mais um pouco e os Txucarramãe atiram sobre êles. Não obstante tenham sido muitos os disparos, feitos por mais de uma arma ao mesmo tempo, ninguém foi atingido. Os Txucarramãe nessa época — isto é, por volta de 1935 — deviam estar aldeados perto do Pororí, o que explicaria a frequência das suas visitas.

Os Juruna que tinham suas plantações em terra firme, no mesmo lado de onde irrompiam os Txucarramãe, começaram a encontrar sérias dificuldades em recolher o produto de suas roças. Cada viagem com esse objetivo, assemelhava-se a uma verdadeira operação de guerra. Os homens, obrigatoriamente, tinham que acompanhar as mulheres e sempre armados de seus "rifles", arcos, tacapes e grossos molhos de flechas.

Numa dessas idas às roças, os Juruna em número de quatorze pessoas, (cinco homens e nove mulheres), no momento em que arrancavam raízes de mandioca, foram súbitamente atacados pelos Txucarramãe que faziam uso de armas de fogo. Os Juruna resistiram nos primeiros instantes, respondendo com flechas às balas e flechas do inimigo. Entretanto, ao perceberem pelo movimento e gritaria que os atacantes estavam em grande número, trataram de correr para as canoas, mas, antes de alcançá-las, dois jovens foram atingidos pelos disparos, Matauai e Bibina. Ambos feridos na côxa sem comprometimento do osso. Bibina que ao ser baleado voltara uns passos para enfrentar o adversário, chegou à margem do rio quando as canoas já haviam se afastado. Como

estava pondo muito sangue pelo ferimento, teve medo de atirar-se n'água e ser devorado pelas piranhas, mas ouvido a bulha dos Txucarramãe que se aproximavam, jogou-se no rio e nadou na direção da ilha, situada a mais de quatrocentos metros da margem em que estava. Finalmente, quando já perdia as forças, foi socorrido por uma canoa vinda ao seu encontro.

No ano seguinte ao desse acontecimento, os Juruna se transferiram para a cachoeira de von Martius, onde abriram roças na margem esquerda e levantaram casas ao pé da corredeira, lugar que já haviam ocupado anteriormente.

O primeiro ano transcorreu sem qualquer novidade, mas no seguinte, os Txucarramãe começaram a aparecer nas cercanias do nôvo aldeamento. Depois de vários dias de movimentação pelas redondezas, surgem certa manhã na barranca do rio, em frente à ilha da aldeia e promovem enorme gritaria chamando os Juruna. Êstes, depois de se consultarem, tomam uma canoa e vão ao encontro dos Txucarramãe. Próximos da barranca, param a canoa e trocam gestos e gritos. Os Txucarramãe, através de expressiva gesticulação e da palavra *uamõr* (bom, em juruna), que êles conheciam, davam a entender que vinham de boa paz e eram amigos. Os Juruna respondem no mesmo tom e com os mesmos gestos, entretanto não se atrevem a encostar na margem. Finda a conversa, os Txucarramãe se afastam e os Juruna voltam à sua ilha.

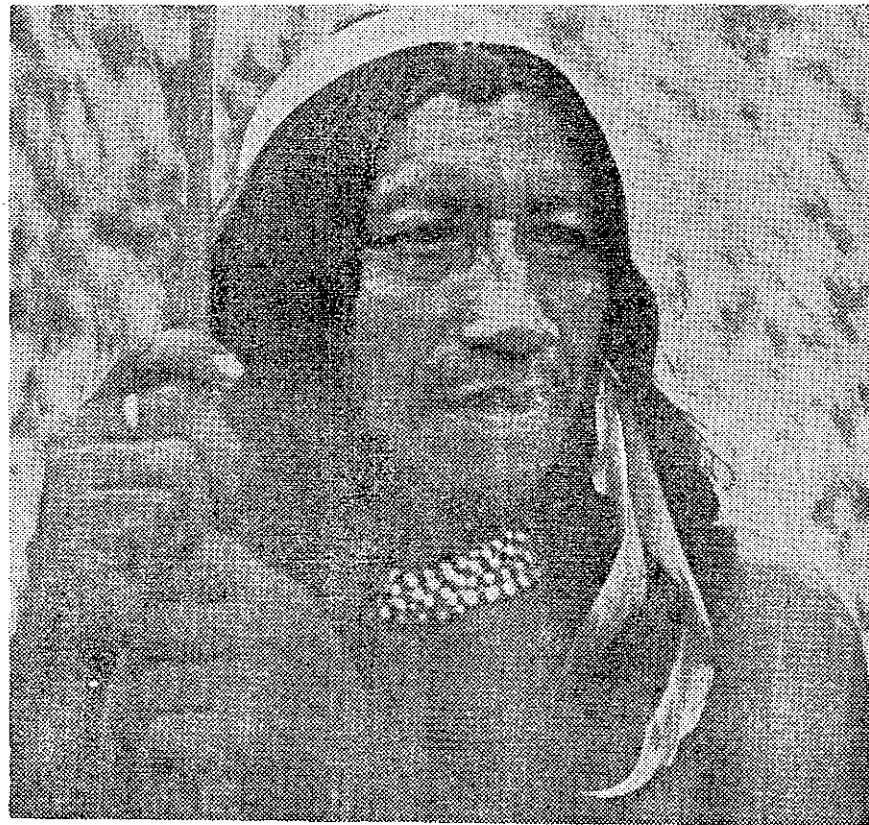
Um ano depois desse contacto à distância, começam os Txucarramãe a surgir novamente, denunciando sua presença por alguns rastos deixados na roça e por ramos

quebrados na margem do rio. Percebendo que os Txucarramãe não vinham com bons intuitos, os Juruna tomaram medidas acauteladoras. Passaram a visitar as roças quando absolutamente necessário, onde permaneciam o mínimo possível. Nessas ocasiões, para não serem apanhados de surpresa, colocavam vigias em pontos estratégicos. Mas pouco adiantaram tais precauções. Num dia em que, com todos esses cuidados, colhiam apressadamente alguns cachos de bananas na roça, foram surpreendidos pelos Txucarramãe. Durante a confusão criada pelas flechas, gritos e corridas de um lado para outro, uma índia Juruna foi aprisionada. Jubé, seu pai, no auge do desespero tentou reaver a filha a todo custo, mas a desproporção numérica entre os combatentes era muito grande, o que obrigou os Juruna, depois de ligeira troca de flechas, a correr para as canoas e se colocarem à salvo atravessando o rio.

Cinco dias depois desta emboscada, houve uma outra pequena luta entre quatro Juruna e um grupo de Txucarramãe, não ocorrendo, entretanto, nenhuma perda de vida. Os Txucarramãe se afastaram, ressurgindo em grande número vinte ou trinta dias mais tarde. Vinham, talvez, com a intenção de exterminar os Juruna, tal o ímpeto com que atacaram. A luta começou com um tiro disparado sobre Cáia que havia se afastado um pouco dos companheiros. Os Juruna que estavam na beira da roça, ao ouvirem o estampido, correram para o limpo e se colocaram em posição de defesa. Cáia levemente ferido, volta para onde estavam os outros e daí, acompanhado de todas as mulheres, corre para a beira

do rio, embarca em duas das canoas que lá estavam e atravessa o rio. Quando os outros homens resolveram fazer o mesmo, o cerco já se havia fechado sobre eles, seguindo-se, então, um movimentado e ruidoso combate. A troca de flechas foi tão cerrada que chegou a acontecer de duas se chocarem no ar. Havia também as balas que em regular quantidade partiam do lado dos atacantes. Os Juruna, sentindo a iminência de um massacre, cercados como estavam e lutando contra um inimigo que a cada momento aumentava em número, tentaram romper o cerco correndo na direção do rio, mas, barrados em sua retirada, esconderam-se atrás de um grande bloco de pedra e recommençaram o combate, agora com menos fúria, por estarem quase esgotadas suas flechas. Do lado dos outros, não houve arrefe-

cimento. Dois moços Juruna — Jubarrô e Dudiga — atingidos pelas flechas dos Txucarramãe, abandonam o esconderijo, correm e atiram-se n'água, conseguindo com muito esforço alcançar a ilha da aldeia. Maricauá, Jubé, Matauaí, pauaidê e Bibina continuam por mais alguns momentos entrincheirados na pedra. Mas, no instante em que Maricauá é ferido, os cinco homens correm para o rio e lançam-se n'água debaixo de uma sarivada de flechas dos Txucarramãe que vinham em sua perseguição. Nadando aos mergulhos para escapar à pontaria do inimigo, os Juruna se afastavam cada vez mais da margem. Maricauá não conseguiu acompanhar os outros, por ter se emaranhado num denso aguapezal. Quando procurava se desvencilhar do enrôscio, foi atingido por



mais três flechas lançadas da barranca. Pouco depois, rodando água abaixo e já sem forças para nadar, foi alcançado por uma canoa mandada em seu socorro. Era tarde, as flechas haviam-no ferido mortalmente. Levado para a aldeia, Maricauá, depois de grande perda de sangue, faleceu na noite daquele mesmo dia.

Após esta ocorrência, os Juruna resolveram abandonar a cachoeira, assentando plano de deslocar a aldeia para a foz do Maritsauá-Missú, onde já haviam residido. Mas antes de realizar a mudança, verificando que lhes faltavam coisas julgadas indispensáveis, tais como ferramentas e munição para os seus "rifles", desceram até os seringais da Pedra Sêca a ver se conseguiam essas utilidades. Ainda longe dos barracões, armaram um acampamento e nêle deixaram as mulheres e as crianças. Sômente os homens se dirigiram ao seringal para tentar obter aquilo que desejavam. Depois de dois ou três dias de espreita nas vizinhanças do barracão, não tendo surgido nenhuma oportunidade para se apoderarem do material pretendido, deram por terminada a tentativa e regressaram ao acampamento. Na volta pela mata, encontraram uma armadilha para caça da qual retiraram alguns cartuchos de "rifle 44".

Novamente na cachoeira, aguardaram os Txucarramãe. Queriam vingar a morte de Maricauá. Mas como os índios não apareceram, os Juruna, com todos os seus pertences, subiram o Xingu com destino à foz do Maritsauá, conforme haviam planejado. Numa viagem que logo em seguida realizaram ao Diauarum, tiveram seu último encontro sangrento com os Suiá,



morrendo na ocasião Matauaí, Trumái que vivia com os Juruna, entre os quais deixou três filhos.

Foi nessa altura dos acontecimentos que entramos em contato com êles.

Situação atual do grupo

Com a morte de Maricauá, terminara a geração dos ve-

lhos Juruna que haviam emigrado do médio-Xingu para o seu alto curso onde entraram em contato, de início pacífico, com as diversas tribos que habitavam a região.

A geração atual, não tendo participado dos anteriores encontros com civilizados (seringueiros), e, principalmente pelo fato de ser, quase na sua

totalidade, fruto de ligações matrimoniais com índios arredios — Kamaiurá, Trumái e Suiá se diferencia, sob tais aspectos, dos primeiros Juruna imigrados. Entretanto, esta última circunstância — fusão com outros índios — não impediu que a nova geração mantivesse, praticamente intactos, tanto a organização, quanto os costumes tradicionais do grupo. Continuam autênticos Juruna.

A ALDEIA

Até há algum tempo, os Juruna localizavam suas casas quase sempre em ilhas, para melhor se protegerem contra o inimigo. Atualmente, em face da alteração havida na natureza das suas relações com as tribos vizinhas, passaram a residir em terra firme, o que não os impede de atravessar a época seca do ano nas praias ilhadas que se descobrem perto da aldeia, onde constroem abrigos provisórios contra o sol.

A aldeia propriamente dita, hoje levantada na barranca do rio, compõe-se de quatro casas — uma grande e três menores. Duas foram construídas nos moldes tradicionais. São aquelas cuja cobertura de folhas de palmeira envolve toda a armação, apresentando, pelo lado externo, uma forma arredondada. A armação acima referida, consiste, a grosso modo, num encaibramento que partindo do chão e vergando-se sobre um anel de varas, suspenso por forquilha de um metro e meio a dois de altura, vai apoiar-se numa linha de cumieira sustentada por dois esteios mestres de cinco a seis metros. Este esqueleto, como dissemos, é todo recoberto por folhas de palmeira. As duas casas restantes, são do tipo comum de duas águas com cumieira angular.



Pelo que se observa, a disposição dos ranchos não segue uma orientação rígida, que se pudesse dizer costumeira. Apenas a casa do grupo familiar mais importante parece sempre frontear o pôrto da aldeia, onde são encostadas as canoas.

Além das moradias, os Juruna costumam armar um ou mais ranchinhos sem paredes para servir de cozinha e onde há sempre chapas para fazer beijus, pilões, tachos de torrar farinha e tipitis. E' nessa cozinha coletiva que, em determinadas ocasiões, uma ou outra família prepara refeições para o consumo geral.

A FAMÍLIA

Na aldeia, os Juruna se distribuem em grupos residenciais constituídos de famílias aparentadas entre si, ou seja: um casal principal (sem pais vivos), os filhos solteiros do

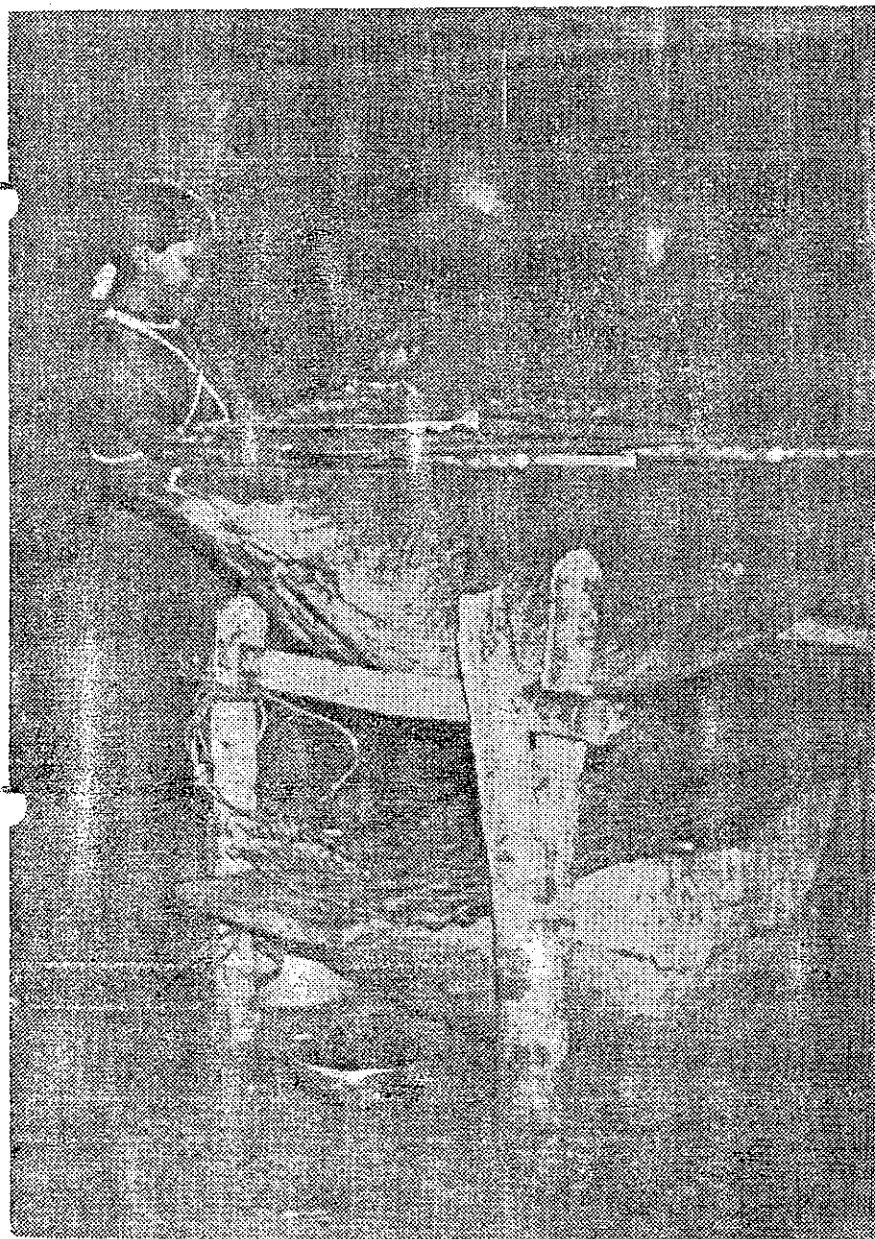
casal, as irmãs solteiras e casadas do chefe da casa, seus irmãos solteiros e os casados mais moços. Estes últimos, somente quando acontece não terem sogros vivos ou filhas casadas. No primeiro caso, logicamente, residiriam com os sogros se vivos ainda; no segundo, com filhas casadas, teriam casa própria.

Em linhas gerais, é assim que se compõe o grupo residencial dos Juruna, havendo, naturalmente, em certos casos, variantes em alguns dos aspectos dessa estrutura, por força de injunções de natureza accidental.

O enlace quase sempre resulta de escolha e decisão dos pais dos futuros cônjuges, não deixando de haver, por parte destes últimos, a liberdade de aceitar ou recusar a união pretendida. Mas esta escolha, decisão, acôrdo ou recusa, na

ocupação. Uma vez pronta a bebida, em quantidade suficiente para encher cochos com dimensões de canoa, numa determinada tarde, quando todos os homens estão reunidos num ponto qualquer da aldeia, já cientes do que vai se passar, o promotor do cachiri se aproxima de arco e flexa na mão. O chefe, ou um índio idoso na ausência

dêste, pergunta-lhe o que tem a dizer. O dono da cerimônia, então, convida o grupo para ver seu cachiri, formulando logo em seguida o seu pedido de ajuda, o qual, naturalmente, é sempre atendido. Nessa altura, o índio em questão, já tem preparada, além do cachiri, uma reserva de peixes e beijos para fornecer aos seus colaboradores por ocasião do trabalho que irão realizar.



Na madrugada do dia seguinte, o dono do mutirão sopra numa grossa flauta cerimonial concitando os índios a se levantar. Atendendo ao toque da flauta, os índios todos abandonam suas rédes e se dirigem para a água, inclusive as crianças. Terminado o banho, as espôsas, mães e irmãs penteiam os homens colocando-lhes uma torcida de algodão ao longo da cabeça e um pequeno floco de flor de bananeira brava no alto da fronte. Depois de receber êsse ornamento, os homens, acompanhados do dono do serviço, se encaminham para a roça. Ao meio dia, pouco mais ou menos, a espôsa do promotor do mutirão pede ao chefe da aldeia ou a um homem idoso que substitua, para levar aos trabalhadores os peixes e beijos, acompanhados de uma pequena quantidade de cachiri. Na aldeia, enquanto isso, as mulheres recebem também da festeira os mesmos alimentos levados para os homens.

No dia seguinte, concluído o trabalho, os índios — homens e mulheres — são convidados para se servirem da bebida. Devido ao baixo teor alcoólico, os seus consumidores, só após a ingestão de apreciável quantidade da mesma é que começam a manifestar sintomas de embriaguês, a qual vai aumentando com o avançar do dia, atingindo pelas últimas horas da tarde o seu apogeu. Os índios de muito reservados que são, tornam-se desinibidos e eufóricos. Cantam, dançam, tocam flauta e riem à toa, mas tudo dentro de certos limites, não chegando nunca à prática de desatinos ou a excessos emocionais.

A festa do cachiri é realizada várias vezes durante o ano e, com mais frequência, por ocasião das derrubadas. Na fabricação de canoas, o pe-

dido de ajuda geral visa o arastamento da embarcação para a água; na construção de casas, o concurso coletivo é solicitado para o transporte dos esteios e de outras peças pesadas da armação. Embora sejam diversos os serviços, o consumo do cachiri se processa, invariavelmente, da maneira acima descrita.

MANUFATURAS E SUA AUTORIA

A variedade de objetos confeccionados pelos Juruna não é muito grande, se comparada com a de outras áreas ou tribos. Mas observa-se que, apesar de pequena, é excepcionalmente bem elaborada. Empregam nos seus trabalhos uma técnica própria e original.

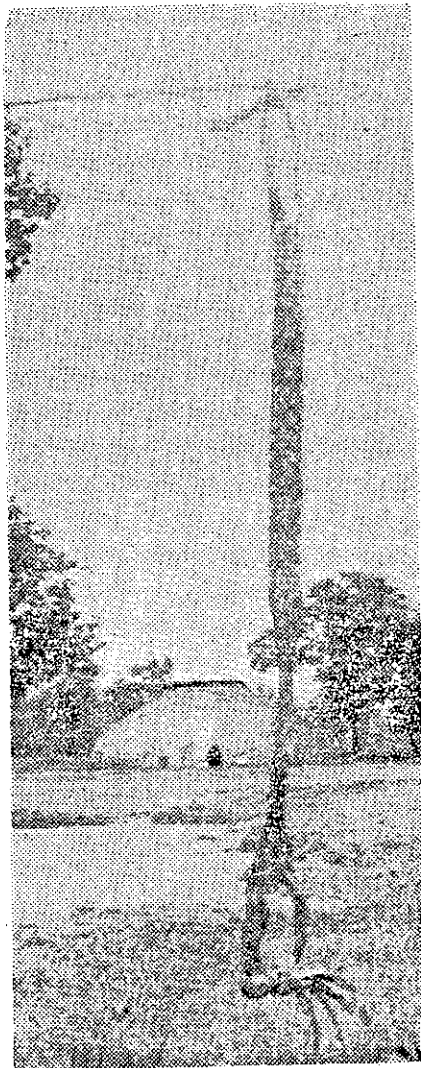
Dentre os utensílios mais importantes pela feitura e uso, poderíamos citar, como parte do artesanato feminino, — rêdes, mantas-saias, faixas-cinturões, braçadeiras, tipóias, tornozeleiras e vasos de barro com cabeças de animais modeladas no próprio corpo da peça. De autoria dos homens, destacamos — arcos, flechas, tacapes, cêstos, esteiras, bancos, tipitis, remos, cochos, canoas, enfeites de penas e ainda uma curiosa bata cerimonial de uso raro e sagrado. Além desses objetos, os índios fabricam vários outros de menor importância.

Damos abaixo os nomes e particularidades de alguns dos artefatos que acabamos de relacionar:

Tchucãrra (arco) — feito de cerne de ipê ou pau d'arco. Raramente de cerne de palmeira. Seu comprimento é de dois metros, pouco mais ou menos. A corda é feita de fibra de caraguatá. Constitui uma das mais importantes peças do artesanato masculino,

não só pelo capricho do acabamento, como também pelo papel que representa na economia do grupo.

Tchucdia (flecha) — é feita de taquari, compondo-se de três partes: as penas, o corpo da flexa que é o próprio taquari e a haste final de cerne de palmeira, taquaruçu ou vareta rija. Quando de pal-



meira, a haste pode ser dentada ou roliça, ambas terminando em ponta. Sendo de taquaruçu ou taboca gigante, o formato é de ponta de lança. As de vareta, que são as mais comuns, recebem uma fisga na

extremidade, feita de costela de macaco-aranha ou de anta, canela de mutum ou ferrão de arraia. Todas as flechas juruna são emplumadas, de preferência com penas de gavião, mutum, arara, garça e papagaio, estas últimas para uso infantil.

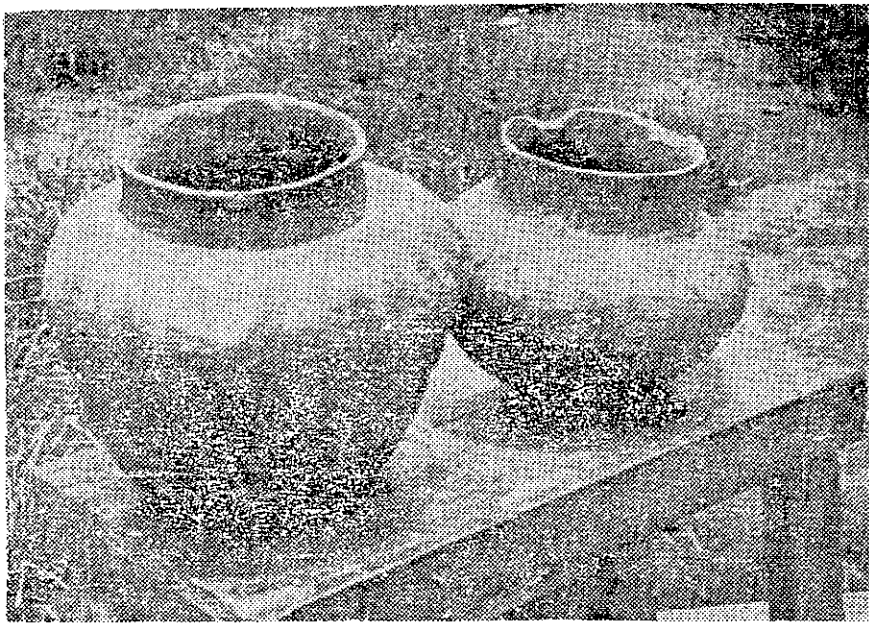
Pacu-ru (tacape) — de cerne de pau d'arco. Seu comprimento oscila entre oitenta centímetros e um metro e vinte. Na parte superior, tem uma largura média de cinco centímetros, na inferior doze. Ambas as faces são abauladas.

Pucarrá (banco) — modelado num bloco só de madeira. Escavam-no de maneira a deixar duas paredes que servem de pés. A parte do assento é sempre arredondada. Há bancos que apresentam, em um dos lados, cabeça de onça esculpida no próprio corpo da peça.

Babaru (esteira) — confeccionada com brôto de palmeira inajá. Os brotos são abertos e entrelaçados de maneira muito simples e rápida. Utilizam essas esteiras para vários fins: cobrir cochos de cachiri, depositar massa de mandioca e como tôlido de canoa.

Camiamã (tipiti) — trançado com talas de brôto de buriti. Este objeto de uso muito difundido, apresenta entre os Juruna um esmerado acabamento, com elasticidade excepcional. De sessenta centímetros quando encolhido, atinge mais de um metro ao ser esticado. Há tipitis de maior comprimento.

Pudzã (canoa) — feita de madeira, apresenta vários tamanhos, medindo algumas mais de dez metros de comprimento por oitenta centímetros de boca. A madeira usada é o almescão, *Kadiuga*, na língua dos índios.



Cutarrá (remo) — feito de tarumã e de outras madeiras. A pá tem de cinquenta a sessenta centímetros de comprimento; o remo todo mede cerca de um metro e trinta.

Aimbatá (rede) — tecida de algodão. As mulheres colhem o algodão, fiam-no em fuso de disco e em seguida tecem-no em tear vertical, com o emprêgo de uma interessante pá dentada para alinhar os fios depois de estendidos. São, em geral, muito grandes e espessas.

U-aem (panela) — o barro apropriado é recolhido pelos homens, cabendo às mulheres, como já dissemos, a fabricação dos vasos. Depois de modelados e secos ao sol, passam por um demorado processo de cozimento.

O sobrenatural

Raramente se assiste entre os Juruna um cerimonial de ordem religiosa ou mágica. Interrogados a respeito, dizem que no passado, quando existiam numerosos pajés, a situação era diferente. Hoje, um único membro do grupo é apontado como possuidor de virtudes xa-

manísticas, capaz de invocar espíritos e, em determinadas ocasiões, por-se em contacto com os mortos.

A invocação de entidades espirituais, está sempre ligada à arte de cura dos pajés. Presentemente, apenas duas cerimônias dêste tipo continuam sendo realizadas de quando em quando, e sempre com a finalidade acima referida. Alopá e Duuru, são as denominações dêses rituais mágicos. O espírito causador do mal é invocado pelo pajé a fim de restituir ao doente a sua saúde.

Alopá, consiste numa dança na qual o pajé faz uso do chocalho (uê-uâ), acompanhado por vários outros homens que, por sua vez, agitam ramos de uma planta cheirosa com propriedades mágico-medicinais, conforme acreditam.

Duuru é uma dança de flautas, também com finalidade curativa. Não é obrigatória a participação do pajé nesta cerimônia. Ele apenas lembra a conveniência da sua realização, sempre que o objetivo seja a cura de um doente atingido por más influências.

Abêbetá

Além dessas cerimônias de cura, os pajés desempenham um outro papel que, de certa forma,

poderia se classificado de religioso. Relaciona-se êste outro lado dos pajés com a propriedade que têm de se pôrem em contato com os mortos. Tal comunicação com o além túmulo ocorre, inicialmente, através do sonho. A alma do morto movida pela saudade de entes queridos aparece ao pajé. Depois de várias repetições dessa ocorrência onírica o fato é levado ao conhecimento da família enlutada, a qual, por sua vez, pede ao pajé visitado em sonhos que invoque o morto, a fim de que êste possa vir e rever seus parentes.

É assim que se dá a cerimônia do Abêbetá. Abêbetá, como já vimos, é uma grande bata feita de penas, predominantemente brancas de uso exclusivo dos pajés. O pajé, atendendo ao pedido da família do morto, enverga então a sua bata de penas e inicia o ritual que consiste numa dança individual, cadenciada por chocalho, no interior das casas enlutadas.

Acreditam os índios que, junto do pajé e completamente oculto no seu manto, está o morto contemplando seus parentes durante tôda a cerimônia que, às vezes, com poucas interrupções, se prolonga por vários dias.

A lenda de Sina-á, o criador dos Juruna

Utilizando o pau de nome amupã, Sina-á esculpiu várias formas humanas. Depois assoprou sobre elas, transformando-as em criaturas vivas, reais. Eram muitas.

Mais adiante, encontrando os rastros dos homens que havia criado, Sina-á assoprou outra vez e as marcas dos pés viraram gente também, muitos homens e mulheres todos Juruna. Quando os Juruna ficaram muitos, começaram a subir o rio. Era muita gente; muitas aldeias êles iam levantando. Mas aí os Juruna começaram a ser mortos por outras gentes que os comiam. É por isso que os Juruna são poucos hoje; antigamente havia mais.

No comêço, os Juruna não conheciam o fogo. Só o gaviãozi-

nho Pinhé é que possuía a pedra de fogo. O Pinhé carregava a pedra num embornal a tiracolo. Sina-á, primeiramente, mandou Juruna obter o fogo com Pinhé. Juruna foi e pediu muito, mas Pinhé não quis dar. Aí então Sina-á ficou triste e disse: eu vou tomar o fogo dêle. E foi. Virou pau sêco e esperou o Pinhé. Pinhé chegou e pendurou o embornal no pau sêco que era Sina-á. Então, Sina-á virou gente e carregou o embornal com a pedra de fogo. Depois que perdeu o fogo, Pinhé passou a ser passarinho. No começo êle era gente, como nós mesmos. Antes de Sina-á ir arranjar o fogo êle mandou o sapo. Mas o fogo apagou na bôca do sapo.

Juruna também não tinha canoa. Só a ariranha é que tinha. Juruna pediu a canoa, mas ariranha não quis dar. Ariranha também era gente. Juruna sempre estava pedindo, mas ela não dava. Aí Sina-á disse que ia tomar a canoa da Ariranha. Primeiro êle só pediu o remo, dizendo que queria ver. Aí Sina-á bateu com o remo e a ariranha caiu n'água. Sina-á disse: agora você não tem mais canoa; você vai viver só na água. Então o rabo da ariranha virou remo e ela virou bicho.

Bem no começo não havia água. Sina-á fêz um grande pote. Fêz dois potes, um grande e outro pequeno. Filho de Sina-á disse: como não tem água, eu vou quebrar os potes para aparecer água. Sina-á não achou bom e disse: se você quebrar o pote morrerá todo o mundo; o pote é muito grande e tem muita água. Todo mundo vai morrer. Filho de Sina-á e o irmão foram quebrar os potes. Bateram com paus e os potes se quebraram. Os potes estavam muito para cima (Sul). Então as águas começaram

a correr e foram descendo, enchendo um pouco. Mas as águas subiram muito e começaram a correr para o sul. Daí houve uma grande enchente. Sina-á fêz a água correr outra vez para o norte. A enchente, quando a água virou era muito grande. Cobriu tudo. Só uma parte das serras ficou de fora. Juruna se espalhou para todos os lados, procurando os lugares mais altos. Sina-á rodou numa grande canoa. Aí as águas começaram a descer e os Juruna também foram descendo das serras. Na medida em que as águas desciam, os Juruna também. As águas iam baixando e êles iam baixando também. Quando as águas estavam bastante rasas, Sina-á começou a fazer pedras. Ele enfileirava taquarinhas atravessando o rio e fazia virar pedra.

No começo, não havia noite. Só um lugar era escuro: onde Sina-á dormia. Aí o filho de Sina-á disse: vamos quebrar o nosso lugar para tudo ficar escuro também. Não quebre não, disse Sina-á. Não vai ficar bom. Escurece tudo. O filho teimou até que Sina-á disse: vá quebrar então. O filho rompeu o lugar e tudo escureceu. Noite muito grande. Foi assim que começaram as noites.

Nos primeiros tempos, quando os Juruna eram muitos, havia uma sucuri que comia gente. A sucuri era muito grande e estava acabando com os Juruna. Os Juruna, então, queimaram a sucuri. Foram derrubando a roça e deixando a sucuri no meio. Depois que secou bem, puseram fogo e a sucuri morreu queimada. Gritou muito antes de morrer. O fogo ia chegando e a sucuri gritando cada vez mais.

Quando Juruna apareceu êle não conhecia mandioca. Havia um passarinho que tinha mandioca. O nome dêle era Vidjidji. Ochichi era

o outro nome dêle. Tinha muita mandioca, batata, cará. Ele tinha tudo. Juruna foi escondido na roça de Vidjidji. Colheu pimenta e comeu. Ardeu muito. Juruna perguntou: que é isto? Queimou muito! Tirou a cabaça, assou e comeu. Era muito amarga. Que é isto? Vidjidji foi lá. Aí Juruna perguntou: que é isto aqui? Vidjidji ensinou tudo. Mostrou a mandioca dizendo que era boa para comer, para fazer mingau. Ensinou tudo. Tudo era de Vidjidji. Só a banana e a cana eram da sucuri. Tôdas as outras coisas eram de Vidjidji. Mas Juruna tomou a banana e a cana da sucuri. Agora Juruna tem tudo.

Aí Juruna teve relação com a neta de Sina-á. A neta queixou-se ao avô dizendo que Juruna estava zangado e que não dava carne de índio para ela. Sina-á ficou bravo e foi embora. Juruna fêz canoa grande e desceu atrás dêle para matar. -- Fêz muita flecha também. Juruna flechou Sina-á na costela, mas a flecha não entrou no corpo dêle. Quando Sina-á se aborreceu, usou sua arma de fogo e pôs todos os Juruna para correr. Voltaram todos para a aldeia. Depois de dez dias, outros foram atrás de Sina-á. Sina-á fêz roça grande e tinha muita mandioca. Quando a mandioca acabou, êle continuou a viagem. Aí Sina-á falou: não venha atrás de mim não, porque eu vou trabalhar água grande e você vai se perder. Mas Juruna continuou perseguindo Sina-á. Aí apareceu água grande e Sina-á disse: você vai ver só água agora. Juruna voltou. Só havia água para a frente.

Se Sina-á não tivesse ido embora, Juruna teria aprendido tudo que êle sabia fazer. Hoje, seria igual aos **caraiabas** (civilizados).

TÉRMINOS DE PARENTESCO

Português

Juruna

Pai	Itupá	—	(Tratamento íntimo: Babá)
Mãe	Indjá		
Tio	Itupá	—	(irmão do pai)
Tio	Aapá	—	(irmão da mãe)
Tia	A-idá	—	(irmã do pai)
Tia	Indjá	—	(irmã da mãe)
Avô	Aa-mã	—	(avô paterno)
Avô	Aa-mã	—	(avô materno)
Avó	A-ái	—	(avó paterna)
Avó	A-ái	—	(avó materna)
Tio avô (*)	Aa-mã	—	(irmão do avô paterno)
Tio avô	Aa-mã	—	(irmão do avô materno)
Tia avô	Aa-mã	—	(irmã do avô paterno)
Tia avó	A-ái	—	(irmã do avô materno)
Tia avó	A-ái		
Irmã	Uembí	—	(tratamento dado pelo irmão)
Irmão	I-úrrarra	—	(tratamento dado pelo irmão mais moço ao irmão mais velho)
Irmão	Djídja	—	(tratamento dado pela irmã)
Irmã (**)	Uizá	—	tratamento dado pela irmã mais velha à mais moça)
Primo (***)	U-mã	—	(tratamento entre primos)
Prima	Siuá	—	(tratamento entre primas)
Prima	Djáia	—	(tratamento dado pelo primo)

DESCENDENTES DIRETOS

Filho	Uzá-puca	Neto	Umitâma
Filha	I-mambía	Neta	Umitâma

PARENTES POR AFINIDADE

Sogro	Uarrá	Irmã do sogro ou da sogra	Uarrá
Sogra	Uarrá	Mulher do tio paterno	Indjá
Cunhada	Uarrá	— (o mesmo tratamento da mãe)	
Cunhado	Uarrá	Marido da tia materna	Itupá
Irmão do sogro ou da sogra	Uarrá	— (o mesmo tratamento do pai)	

OBSERVAÇÕES

(*) — As denominações de tios avós e tias avós do lado materno são as mesmas do paterno.

(**) — A palavra "uizá" é empregada pelos irmãos e irmãs mais velhos para nomear os seus irmãos

e irmãs mais moços.

(***) — As denominações dadas aos primos diretos são as mesmas usadas entre irmãos. As mencionadas acima, referem-se a primos cruzados.

VOCABULÁRIO

Visando conseguir uma pronúncia aproximada dos vocábulos JURUNA, adotamos a seguinte acentuação:

Agudo () — como em português, colocado sobre a sílaba tônica. Notar que em Juruna há palavras com tonicidade dupla.

Circunflexo () — O mesmo valor que tem em português, inclusive o tônico.

Til () — para nasalização do "m" e do "n".

Ifen (-) — entre sílabas, para destacá-las. Sobre letras:

— palatização forte do "e" e do "u" e abrandamento do r.

Grave () — usado para dar à sílaba "cu" uma pronúncia gutural.

Observações: — O "r" no início da palavra, entre consoantes ou duplo, tem sempre pronúncia gutural e nasalizada. Todos os acentos usados têm valor tônico. Só empregamos o agudo, quando as sílabas soam como em português.

PORTUGUÊS

nariz
 nariz dele
 nariz pequeno
 orelha
 orelha dele
 orelha grande
 olho
 seu olho
 olho amarelo
 mão
 sua mão
 mão grande
 pé
 pé dele
 pé pequeno
 joelho
 seu joelho
 um joelho
 boca
 sua boca
 boca grande
 língua
 língua dele
 língua vermelha
 dente
 dente dele
 este dente
 cabeça
 sua cabeça
 cabeça de anta
 cabelo
 cabelo dele
 cabelo negro
 pescoço
 seu pescoço
 pescoço comprido
 peito
 seu peito
 peito dele
 pele
 sua pele
 pele dele
 osso
 seu osso
 osso pequeno
 sangue
 seu sangue
 sangue vermelho
 coração
 seu coração
 coração de jacaré
 fígado
 fígado dele
 fígado do macaco

JURUNA

sin-ã
 in-ã
 in-ã chinchim
 senapiúca
 inapiúca
 napiúca urarrirí
 si-á
 vê-á
 si-á inhumpimpi
 se-uá
 i-uá
 i-uá urarrirí
 budarrá
 i-budarrá
 i-budarrá
 si-ma-ã
 i-ma-ã
 si-ma-ã mememê
 si-cachímbia
 i-cachímbia
 i-cachímbia urarrirí
 cuã
 i-cuã
 i-cuã sorrirí
 sã-nhã
 ã-nhã
 amã-nhã
 i-tabá
 ani-tabá
 tuã-tabá
 tabá
 i-tabá
 tabá-itiníngue
 in-u
 nein-ú
 in-ú anáurrerrê
 i-padjá
 e-padjá
 ani-padjá
 i-çá
 e-çá
 e-çá
 i-pacã
 e-pacã
 i-pacã chinchim
 apêta
 la-pêta
 apêta sorrirí
 seuín-cárria
 euã-icárria
 inhacarê uincárria
 sebuá
 i-buá
 peromã-buá

PORTUGUÊS

barriga
 barriga dele
 barriga grande
 ave
 aves voam
 peixe
 muito peixe
 peixe nada
 cachorro
 o cachorro está sentado
 piolho
 piolho pequeno
 este piolho
 cobra
 a cobra mordeu a pessoa
 onça
 a onça come carne
 uma cobra não anda
 a onça mata uma pessoa
 macaco
 o macaco está em pé
 anta
 a anta bebe água
 papagaio
 papagaio verde
 papagaios voam
 jacaré
 o jacaré morre
 carne
 carne boa
 chifre
 dois chifres
 chifre novo
 rabo
 rabo comprido
 rabo do cachorro
 garra
 garra da ave
 muitas garras
 ovo
 ovo redondo
 ovo da ave
 gordura
 gordura branca
 gordura morna
 milho
 milho bom
 milho amarelo
 mandioca
 mandioca branca
 casca de mandioca
 fumo
 fumo seco
 fumaça de fumo

JURUNA

i-uã-zá
 anim-uã-zá
 páru-ú
 canía
 canía ebatácu
 pitxá
 itxúbu pitxá
 pitxá tarrú
 apu
 apu abugu
 qui-pá
 qui-pá chinchim
 amu quipá
 ru-tá
 ru-tá a chúde
 apu
 apu cani atchá-ichú
 ru-tá tarrão
 apu anindá-pudegu
 perrumã
 perrumã mussú
 tun-a
 tun-a iá ví
 tchuarára
 tchuarára acura-quinzá
 tchuarára ibátacu
 inhacarê
 inhacarê in-ã
 atjá
 atjá uambí
 a-chã
 a-chã quenãnu
 a-chã ipacúrria
 iuá-tarrá
 iuá-tarrá anô-rerrê
 apu iuá-tarrá
 inhum-ã
 inhum-ã canía
 inhum-ã itchúbu
 obí-a
 obí-a abúrrora
 canía obí-a
 i-carrá
 i-carrá auáem-uin
 i-carrá acúrriu
 macaxí
 macaxí uambí
 macaxí iumpimpi
 maniacá
 maniacá auáem uin
 maniacá abê
 potíma
 potíma u-i-rãm
 potíma achímchi-ã

PORTUGUÊS

JURUNA

árvore
 casca
 casca de árvore
 a árvore está queimada
 raiz
 três raízes
 raiz seca
 folha
 folha amarela
 folha verde
 semente
 semente verde
 sol
 sol vermelho
 o sol não é frio
 lua
 a lua é redonda
 ela vê a lua
 estrela
 muitas estrelas
 todas as estrelas
 nuvem
 nuvens brancas
 chuva
 nuvens trazem chuva
 o homem ouve a chuva
 terra
 terra negra
 montanha
 a terra é fria
 uma montanha
 aquela montanha
 pedra
 pedra negra
 esta pedra
 noite
 três noites
 não é noite agora
 areia
 areia seca
 areia morna
 água
 água fria
 panela (de barro)
 a panela da mulher
 a panela cheia de água
 canoa
 canoa boa
 canoa cheia
 caminho
 caminho comprido
 dois caminhos
 fogo
 fumaça
 fumaça do fogo

epá-anfuá
 epaiça
 epaiça-anfuá
 anfoá tchuxi
 epeaú
 tchabuu epeaú
 epeaú ainrá
 caa
 caa iumpimpi
 caa quizé quizá
 ibu-zá
 ibu aquizé quizá
 cuadu
 cuadu assonriri
 cuadu itchaa-com
 mandí-gá
 mandí-gá abúrora
 ti-ri mandí-gá itsácó
 anemgu-á
 anembu-á itchubu
 anembu-á pina
 amána
 amána auim uim
 amána
 amána idju-ue
 senarra amána êndu
 ipü-a
 ipü segá
 tchopâma
 ipu-a itcha-áco
 tchopâma mememê
 painra-tchó
 cuarrá
 cuarrá etenínguinqui
 amá cuarrá
 camadêru
 tsabêu camadê
 camadê unum
 etá
 etá uirá
 etá cûrru
 ía
 ía itcha-áca
 uá-em
 idjá uá-em
 uá-em iadjú
 pudzá
 pudzá uambí
 pudzá nanêum
 barrá
 barrá anau-rerrê
 barrá quinânu
 achí
 achichí-ã
 achichí-ã

PORTUGUÊS

JURUNA

o fogo queima a casa
 cinza
 cinzas mornas
 todas as cinzas
 casa
 arco
 arco novo
 flecha
 todas as flechas
 as flechas dele
 machado
 machado novo
 aquele machado
 homem
 mulher
 pessoa
 nome
 nome de mulher
 nome de homem
 pai
 meu pai fala
 o pai deu um arco
 um
 dois
 três
 você come
 nós comemos
 você bebe
 nós bebemos
 você anda
 nós andamos
 você nada
 nós nadamos
 você morde
 nós mordemos
 você dorme
 nós dormimos
 você vê
 nós vemos
 você sabe
 nós sabemos
 você está em pé
 nós estamos em pé
 você está sentado
 nós estamos sentados
 você está deitado
 nós estamos deitados
 você vem
 nós estamos vindo
 você fala
 nós falamos
 você dá
 nós damos
 você mata
 nós matamos
 você morre

achí acá-matchutchí
 achí-puma
 achí-puma cûrru
 achí-puma pina
 acá
 tchucarra
 tchucarra ipacúrri
 tchucáia
 tchucáiapina
 i-tchucáia
 putá-ra
 putá-ra ipacúrri
 ani putá-ra
 cinárre
 idja
 aninda
 apanezá
 apâne idja ezá
 apâne cinárre ezá
 itupá
 upá uberrái
 itupá tchucarra icuatê
 mêmê
 quenânum
 tchabêu
 enã itchúco
 itchúco udí
 aví anê iabê
 aví udi iabê
 pudúcu anê
 puducu udí
 ibucararra né
 ibucararra udí
 ená tchú
 urú udí atchú
 iá né
 iô udí
 itzáca enê-te
 uru udí itzaco-tê
 ubarrá enê-te
 uru udí ubarru-tê
 mu-çú a nenú
 muçáçá udí
 abugu anenum
 abubegu udí
 puchirru anenum
 puchichirrá udí
 enã ue
 êndu udí têrais
 obê-rái
 uru-udí rái
 ená teí cuá
 uru-udí teí cuá
 enã abágo te
 uru udí abágo te
 enã eã